

UNIFICAÇÃO

O BEM E O MAL

ALTIVO FERREIRA

ÓRGÃO DA
UNIAO DAS SOCIEDADES ESPIRITAS DO ESTADO DE S. PAULO - USE
N.º 13 — SÃO PAULO - ABRIL DE 1954 — ANO II

A NOSSA POSIÇÃO

"Unificação" inicia, com este número, o segundo ano de atividade jornalística, em prol do excelso ideal — a unificação da família espírita bandeirante.

Oriundo do marcante III.º Congresso Espírita Estadual, que libertou a USE das faixas incômodas de sua minoridade civil, o nosso arauto assumiu desde logo, com a responsabilidade que lhe é peculiar, a posição que sua nobre origem lhe determinou.

Os representantes diretos de mais de oito centenas de sociedades espíritas, de todo o Estado, uniram-se em expressiva votação pelo lançamento do órgão oficial da USE (esta acabava de assumir nova estrutura orgânica, de cunho profundamente democrático, pela reforma substancial de seus Estatutos) em cujas colunas encontraríamos o espírito kardeciano, a lealdade profunda e esclarecida às obras do mestre, o desassombro nas afirmações dos princípios da Doutrina e a sua defesa serena mas firme; nelas buscaríamos a orientação para se conjugarem os esforços unificadores, para se harmonizarem as atividades nos múltiplos setores do movimento sócio-doutrinário e para caminharmos unidos em torno da USE.

Da forma como foi ideado, "Unificação" ocupa um lugar nos corações dos Espíritas paulistas, que com justiça o têm como o seu jornal. É realmente o jornal das sociedades espíritas do Estado de São Paulo. Representa o selo de um dos maiores compromissos que um congresso de Espíritas deste Estado assumiu solenemente perante o mundo e perante o Alto, pois quem esteve presente no histórico congresso, se bem o sentiu em suas fases culminantes, pode compreender a justeza desta assertiva.

A Diretoria Executiva da USE, dando cumprimento a essa resolução, criou, depois de acurados e ponderosos estudos, um Conselho de Redação, composto de cinco membros, o qual, cômico da delicada incumbência, estabeleceu desde logo as normas que vêm sendo criteriosamente observadas, dividindo entre si as tarefas, graciosamente cumpridas.

O seu primeiro número data de abril de 1953, em homenagem ao aparecimento de O LIVRO DOS ESPIRITOS, ocorrido no dia 18 de abril de 1857.

Esta referência vale por um programa. O nosso jornal vem-se batendo com firmeza e serenidade pelos postulados kardecianos, que são os da Doutrina dos Espíritos ou da Terceira Revelação. Pugna pela coesão da família espírita bandeirante e apóia todo esforço que vise a unificação espírita brasileira. Acredita que a UNIFICAÇÃO DOUTRINÁRIA é o maior fator para se conseguir a UNIFICAÇÃO SOCIAL. Um dos maiores entraves para a propagação da Doutrina — já o dizia Kardec — é a falta de unidade. Ante a evolução do Espiritismo para o campo da Moral, o mestre, inspirado pelo Espírito de Verdade, ao lançar a público "O Evangelho Segundo do Espiritismo", não o fez sem antes escoimá-lo das partes que poderiam dar margem a obscuridades ou a controvérsias. Fê-lo com a essência dos ensinamentos de Jesus, porque então avançava no terreno social e, portanto, era mister estabelecer os meios eficazes

para a união dos Espíritas em torno da Doutrina por excelência unificadora.

A unificação pleiteada pela USE não consiste em mero ajuntamento de pessoas nem mesmo de adesões formais de algumas dezenas de sociedades espíritas. É obra de nível espiritual, para acima das precárias conveniências humanas, não consulta personalismos, não incensa vaidades, não ausculta interesses nem transige com o erro. Tem sempre em vista o RESTABELECIMENTO da palavra do divino Mestre, cuja eclosão por Ele prevista no seu Evangelho, coube a Kardec desferir, com mão de missionário, dando ao mundo desesperado as bases indefectíveis para a sua reforma espiritual, impelindo esta humanidade sombria para o plano superior.

Entende a USE que o movimento iniciado por Kardec não deve parar. Para que tão valioso patrimônio espiritual encontre aproveitamento construtivo é que apelamos aos corações que se abram e dêem se abeirarem. Nêle se fortaleçam e adextrem suas fibras para imensa luta. A luta pelo império do Espírito, o que será possível pela nossa preparação séria e decidida como Espíritas integros, iluminados, unidos na obra comum que é a Obra do Cristo, para a qual viveu Kardec e pela qual se bate a União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo.

A presença do bem e do mal na face da Terra é compatível com a Justiça de Deus? Eis a pergunta que constantemente nos fazemos e para a qual nem sempre encontramos resposta que nos satisfaça a razão.

Ao homem do passado, que tinha de Deus uma concepção antropomórfica, atribuindo-lhe, portanto, em grau superlativo, as mesmas qualidades humanas, inclusive aquelas negativas, que se traduzem nas paixões de diferente teor, o bem e o mal existiram porque o Pai assim o queria e a explicação lhe era suficiente. Todavia, o homem do século XX, que já ensaia as viagens interplanetárias e, desintegrando a matéria, liberou a energia atômica, não se pode conformar com essa interpretação simplista, que serve apenas para amesquinhar-lhe a idéia do Criador. Usando o raciocínio e a intuição, ele procura novos conceitos, que mais de perto impressionem o seu entendimento.

Diz a passagem evangélica que não cai um fio de cabelo da nossa cabeça, sem que seja pela vontade de Deus. Vamos concluir, daí, que nos mais insignificantes fenômenos da natureza — uma folha que cai, numa poça d'água que se putrefaz, um pinto que rompe a casca do ovo — a Divindade emitiu vibrações da Sua vontade, para que essas coisas assim ocorressem?! A vontade divina se cumpre e manifesta através da Lei. Não há mister que Deus intervenha a cada momento na Criação, porque, se tal acontecesse, a Sua obra não seria perfeita, carecendo de constantes reparos. Tudo o que constitui o universo — do microcosmo ao macrocosmo — está mergulhado num princípio imutável, que não sofre derrogação de espécie alguma, nem mesmo aquela que proviria dos chamados milagres.

O bem e o mal são, dessa forma, apenas conceitos relativos do comportamento humano em face da Lei. Um equilíbrio geral preside a todas as coisas (inclusive às nossas atitudes perante a vida). Se, usando o livre arbítrio, pautamos nossa conduta em sintonia com a Lei,

passamos a integrar esse equilíbrio universal, que existe em tudo: na flor que desabrocha, no fruto que amadurece, na abelha que faz o mel, no pássaro que tece o seu ninho, nos astros que gravitam dentro de suas órbitas. Equivale dizer que estamos no Bem, porque o Bem é o cumprimento da Lei. Se desta nos afastamos, caímos no desequilíbrio, que assume várias denominações: paixão, orgulho, vaidade, egoísmo, sensualismo, pecado, crueldade, etc. Entramos em pleno domínio do Mal. Enquanto não retornarmos ao equilíbrio, sofreremos as consequências desse desvio, que se manifestarão nas múltiplas formas de sofrimento, que corrige a criatura e a reconduz ao império da harmonia com a Lei.

Há, pois, um determinismo em nossos atos, que Jesus deixou evidenciado ao sentenciar: "a cada um segundo as suas obras". Pietro Ubaldini fala-nos disso em "A Grande Síntese": "Todo ato é sempre livre em suas origens, não depois, porque, então, passa de súbito a pertencer ao determinismo da lei de causalidade, que impõe as reações e as consequências".

Deus não é o autor do Mal. Nem este é obra de outra entidade qualquer, voltada eternamente à sua prática. O Mal existe em função da ignorância e atraso do homem, que vive com a mente e o coração desequilibrados. E, porque assim acontece, esse Mal é também um agente da evolução, que leva a criatura a amargas experiências e ingratas colheitas, de onde a redime para o Bem o crisol da dor.

"O homem, — escreve Ubaldini em "Ascensões Humanas" — acreditando poder desorganizar a lei de Deus, pelo menos na terra, para depois refazê-la a seu modo, com ele orgulho, não desorganizou senão a si mesmo e ao próprio mundo. A causa não está em Deus, mas no homem. A lei é perfeita, é ordem e não falha. Ao homem, operário de Deus, foi cometido, à imagem e semelhança da obra do Criador, um trabalho de criação na terra. A lei deixa-o livre de errar, mas depois o rostringe a pagar na mesma proporção do erro, para que possa compreender. A dor e o mal não estão em Deus, mas na ignorância, na vontade, no erro do homem e são eliminados através da sua dura experiência".

Quando praticamos o mal e, advertidos pela nossa própria fé, imploramos à Divindade o perdão à nossa falta, ficamos tranquilos, achando que estamos isentos de culpa. Entretanto, se tivéssemos noção verdadeira da Justiça de Deus, haveríamos de compreender que o perdão e o castigo são incompatíveis com ela, porque se assim procedesse estaria dando privilégios a uns, enquanto ficava surda às rogativas de outros. O que se dá é que o nosso Pai é um credor compassivo, que não tem pressa, nem se abespinha com os seus filhos, maus pagadores, e vai dilatando os prazos de suas promissórias. Mas a hora do resgate sempre chega, da mesma forma como chega a da recompensa. Cedo ou tarde somos conduzidos à retorta das experiências redentoras, onde aos poucos vamos substituindo a vestimenta sombria dos nossos vícios pela túnica alva da virtude.

O bem e o mal, a virtude e o vício, o dever e a culpa são, no plano em que vivemos, conceitos relativos que exprimem os aspectos positivos e negativos da nossa evolução. Se o bem que praticamos, a virtude que adquirimos, o dever que cumprimos, constituem afirmações da Lei e, portanto, são fatores de equilíbrio, eles nada ainda representam diante do Verdadeiro Bem, da Excelsa Virtude e do Dever Maior, que temos de atingir. Por outro lado, o mal, o vício e a culpa, que permanecem em nosso círculo de luta, já são expressões menos violentas desses mesmos desvios por nós cometidos no passado.

O mal, por ser negação, gera em si mesmo o vírus da sua destruição. O bem, por ser o cumprimento da Lei, encontra na sua própria afirmação o impulso que o fortalece e lhe dá estabilidade. O primeiro é a lagarta que se fecha a si mesma no casulo da metamorfose; o segundo é a borboleta que enrija as asas e se lança ao voo para a eternidade.

Plantação Espiritual

EMMANUEL

Numa só existência podes viver diversas situações.

Num só dia é possível a prática de atos numerosos.

Numa hora apenas tua mente pode criar múltiplos pensamentos.

Não olvides que todos nós estamos plantando espiritualmente no tempo.

Articula os acontecimentos que te rodeiam para o bem, insiste na projeção dos atos que te possam honrar e ajuda a ti mesmo, imaginando o que seja útil, edificante e belo.

Não é necessário perder o corpo no túmulo para que venhas a renascer.

Cada instante, quando queremos, pode ser o começo de gloriosa renovação, tanto quanto pode representar o início de quedas e equívocos deploráveis.

Auxilia a ti próprio, produzindo o bem.

Sem que percebas, vives invariavelmente nas vidas que te cercam.

Observa o que te trazem ao coração aqueles que te acompanham.

Se a mentira ou a aversão te visitam, não te esqueças de que constituem os frutos de tua própria plantação.

Cada criatura reflete em si aquilo que lhe damos ou impomos.

Nas alheias demonstrações para conosco é possível analisar a qualidade de nossa sementeira.

Aprendamos assim a cultivar o auxílio fraterno, o trabalho construtivo, a concórdia santificante e a solidariedade fiel, através de todos os passos e de todos os minutos, porque o amanhã será resposta viva à nossa conduta de hoje, tanto quanto a bênção ou a dor de agora consubstanciam os resultados das nossas ações de ontem.

Caminha iluminando a estrada com os recursos da bondade e da alegria, convicto de que a nossa família na Eternidade é constituída de nossas próprias obras, e, desse modo, estarás organizando magníficos moldes espirituais para as tuas novas tarefas na elevação ou na reencarnação em futuro próximo.

(Comunicação psicografada por Francisco Cândido Xavier).

Mobilizam os psiquiatras todos os seus recursos, precoce e cumulativamente, na fase aguda da esquizofrenia, entidade, aliás, que ainda não conhecem muito bem, não para curá-la completamente ou para corrigir a personalidade psicopática, senão sim para cobrir os desvios da conduta, os delírios e as alucinações.

Intervêm, então, a cardiazolterapia de von Meduna, a insulino-terapia de Sakel e a eletroterapia de Cerletti e Bini; todas visam atingir o encéfalo tido como doente, quer por meio de agentes químicos (via arterial), quer com o auxílio da corrente elétrica.

Provoca-se a inibição do córtex cerebral, libertando-se os centros subcorticais da motilidade automática e do tônus muscular. Misturam-se os fenômenos resultantes de excitações, liberações e inibições, com perda da consciência e crise convulsiva.

De permissão aos acidentes graves, registrados pelos experimentadores mais idôneos, tais como as manifestações convulsivas sobressalentes, as fraturas da coluna, do púbis e do colo femoral, os abscessos pulmonares, as lacunas amnésicas definitivas, salientam-se alguns benefícios nas estatísticas, com reintegração social do paciente, quando a duração da doença não excedeu de seis meses ou quando "mais franca foi a tendência evolutiva espontânea para a remissão" (Barahona Fernandes).

No eletrochoque, isola-se o leito com um lençol de borracha, para evitar a passagem da corrente pelo eixo cardíaco; contém-se e imobiliza-se nele o paciente, em jejum e com a bexiga vazia, protegidos os lábios e a língua.

Aplicam-se os dois eletrodos, com botões de contato e cabo de ebonite, nas regiões bicondilianas, pelas quais transita a corrente alternada e sinusoidal de 300 a 400 milampères, corrente que vai substituir os sintomas da esquizofrenia pelos da epilepsia — grito de pânico, perda da consciência, contrações tônicas e clônicas, coma, ao pôr em vibrações o diencéfalo.

A riqueza nababesca das teorias explicativas do "processus" nos força a crer que os psiquiatras vivem atualmente a fase trevosa do empirismo, reeditam os tisiólogos anteriores a Koch e os terapeutas e patologistas da febre amarela, antes de Finlay.

Ninguém conhece o mecanismo de ação da convulsotrapia. Os mais co-

O enigma da Esquizofrenia

Sérgio Vale

medidos indigam o medo, ou o fator geral da perturbação circulatória, ou os fenômenos vasomotores e vasopressores, ou a reação epiléptica do sistema nervoso vegetativo contemporânea da descarga neuromuscular. Os imaginosos e os mitólogos opinam pelas descargas hormonais, pela chicotada neurovegetativa, pela revolução metabólica, pelos transtornos do equilíbrio iônico, pelo descolamento das ligações sinápticas entre as células nervosas, pelos desvios dos estímulos associativos, pela adulteração da cronaxia e do potencial elétrico do encéfalo... *Ad Ubitum*. Ao fim de tudo, confessam: ninguém atinou ainda com a razão pela qual a convulsotrapia susta, às vezes, a evolução natural da esquizofrenia. Nada esclarece, até agora, a observação simples de von Meduna: explora-se o antagonismo entre ela e a epilepsia; troca-se o estado próprio de uma pelas contorções epileptiformes desencadeadas pela intervenção dos choques. Empenham-se os doutores numa interferência puramente empírica, sem cuidados com a etiologia, a respeito da qual se acham inocentemente *in albis*, mais do que nós em relação aos prováveis habitantes de Saturno. O organismo todo — glândulas, reflexos, humores, órgãos macios ou ocos, grande como o fígado ou pequenos como as supra-renais — não prevarica, não claudica, não mistifica, não falha. A teoria da correlação obrigatória entre o físico e o psíquico sofre, desta vez, um impacto mortal. Isto, porém, pouco importa aos psiquiatras, porque eles querem apenas o efeito final que, *costuma ser bom*... Sob tal critério, empírico e charlatanesco, prescrevia-se outrora o ópio para os diarreicos e o purgativo para os constipados. Os que não se salvavam morriam mais depressa...

Em obediência ao método hipocrático da descrição e da notação dos fatos, método que forneceu ao fundador da medicina, há 24 séculos, os elementos básicos da sua nosografia e da sua terapêutica; em obediência aos achados dos anatomistas, dos fisiologistas, dos patologistas e dos microbiologistas, que revolucionaram a

ciência médica e deram razão a Clau- de Bernard, quando à fantasia excêntrica das hipóteses preferiu as investigações positivas do experimentalismo; em obediência aos rigoristas que propuseram o neologismo *factual* com que se deve qualificar a verdadeira ciência, urge que se estudem os fenômenos anímicos e espíritas. Como o fez, corajosamente, um médico, o Dr. Carlos Wickland, nos Estados Unidos, e outro médico, Dr. Inácio Ferreira, entre nós. E compete justamente à psiquiatria, cujos domínios ainda incertos e por vezes contestados se entroncam na psicologia e na neurologia, conquistar o seu terreno próprio, analisando as alterações da afetividade, da atenção, da percepção, da memória, da inteligência e da personalidade, de que o me- dianismo *selecionado e familiar* lhe oferece campo vasto e promissor.

A conclusão de Aléxis Carrel é pessimista, mas verdadeira: "A psicologia espera ainda o seu Claude Bernard ou o seu Pasteur. Está ainda no mesmo estado da cirurgia na época em que os cirurgiões eram barbeiros, da química antes de Lavoisier, no tempo dos alquimistas".

Se o ato psíquico depende, via de regra, da massa encefálica, se as constituições, o temperamento e a hereditariedade, as infecções e as intoxicações, os ciclos biológicos são substratos parciais de fatores somatogênicos, os partidários da psicogênese também se candidatam a opinadores e a juizes; entretanto, os neuróticos, cujos leitões nos nosocômios se multiplicam em competição com as teorias psiquiátricas, continuam a zombar dos sistemas organicistas das eminências de Kraepelin ou de Kretschmer com os seus tratados cheios de gráficos, curvas e quadros estatísticos.

Entre a mitologia cerebral de Meynert e de Wernicke, com as localizações e os esquemas anômicos, e os chamados ironicamente "filósofos da psiquiatria", que não podem dispensar o estudo da atividade mental dos alienados ao procurar livrá-los dos sintomas importunos, entre a somatogênese e a psicogênese deve

existir um elo esclarecedor da etiologia provável das neuroses.

Afinal, por mais organista que seja um psiquiatra ortodoxo, não lhe será difícil conceber que entre a materialidade da bile e a do fígado deve haver alguma coisa de *mais* ou de *menos* do que entre a materialidade do cérebro e a imponderabilidade do pensamento. O banimento das hipóteses e das "crendices" daqueles que aceitam a existência de fenômenos dinâmicos e vitais, independentes das impressões plásticas cerebrais (e quem o sustenta não é o espírito esquizofrênico, mas um filósofo de fama universal — BERGSON — coadjuvado por um biólogo genial — ALEXIS CARREL); a exclusão teimosa do "imaterial" não equivale, afinal, na decretação de uma hipótese contrária desprovida de fundamentos lógicos, ou de uma "crendice" de igual merecimento?

Se a paralisia geral progressiva e a epilepsia, por exemplo, dão o seu tributo à concepção organista ou neurológica, a multidão de esquizofrênicos, de histéricos, de maníacos depressivos e de neuróticos, apesar dos choques tremendos a que se sujeitam, atesta que, se a qualidade de bile se subordina à qualidade do fígado, o pensamento humano, a personalidade, a treva dentro de um cérebro perfeito e absolutamente são. Onde está o merecimento de uma hipótese que falha na maioria dos casos em que comparece? No meio da confusão reinante entre as concepções da ciência de Pinel, a neurológica, a personalística, a dinâmica, todas omissas, todas falhas, todas incompletas, contradizendo-se e chocando-se dentro do mesmo compêndio, nós, espiritualistas — espíritas, ainda nos agradamos do parecer de Kant, quando requisitou para os domínios da filosofia a maior e a melhor parte da psicologia e da psiquiatria — aquela em que, não obstante a expressão desoladora de Hoche, o espírito, uma *realidade* e um *fato* para nós, parece flutuar no vácuo.

Nota: Em o nosso artigo publicado no último número houve uma pequena errata tipográfica, pelo que pedimos aos nossos leitores mudar a palavra *aumenta* por *ausenta* no seguinte período:

Minha memória, que sobrevive a lesões cerebrais, ou que se ausenta na presença do cérebro íntegro...

UNIFICAÇÃO

OSVALDO MELO

Valho-me do título dessa bem feita e orientada fôlha espírita para ventilar o velho tema: unificação.

Aquêles que têm sobre seus ombros a árdua e espinhosa tarefa de abrir caminhos no denso e intrincado cipal que margeia o Serviço do Senhor, sabem quanto custa esse espinhoso trabalho e quanto pede essa rude missão de sacrifícios, espírito de renúncia e fé, a fim de que se chegue a colher resultados satisfatórios.

Por mais que nos disponhamos a levar adiante essa investida contra a treva, mais esta se alvoroça como se tocássemos em casa de maribondos.

Os que se não querem acomodar; os que têm um sentido exagerado sobre liberdade, os que não se concentram na verdadeira compreensão-revoltados por índole e disciplina espiritual, sem logo a campo para formularem descabidos protestos.

Ora somos chamados de "ditadores", ora alcunhados de "papas" ou então taxados de "sábios" e "orgulhosos".

O "diabinho coxo", salta daqui, claudica dali, mexericando, deturpando o sentido exato das boas intenções e se instala com seu quartel-general, penetrando brechas, "fazendo ambiente" propício para lançar a cizânia, a discórdia e o descontentamento.

De permissão vem a dúvida e como "a dúvida é a companheira inseparável dos cegos", periclitam a razão e o bom senso.

Então, surgem os demagogos, os interpretadores da lei, os fariseus modernos e desandam em pancadaria grossa.

Vêmo-los nas tribunas, quando não em rodinhas de diz-que-diz, levantando suspeitas, choramingando seu descontentamento e beático conformismo!

Os que trabalham pela unificação ficam sendo os usurpadores de direitos alheios, os "mestres", os "puritanos" em todo o lato sentido do termo.

Começam por se louvar, por adotar um egotismo impenitente, expondo o seu "Eu" com auto-elogios, com indistigível trabalho de se colocarem em posições de vítimas!

Santo Deus! Que tal se desse em ambiente profano, materialista e político, vá lá! Dentro do Espiritismo, no seio da comunidade da Doutrina é verdadeiramente inconcebível, porém, acontece e repete-se o fato.

Desta maneira, pode-se calcular quanto é difícil o trabalho de unificação.

Sômente com a intervenção direta dos Bons Espíritos, consegue-se sanear o ambiente, destruir a treva e colher resultados.

Nem porque deveras arrojado seja o trabalho devemos ensarilhar armas.

A unificação doutrinária sob as bases sólidas do Evangelho e orientação kardecista, vai, dia após dia, ganhando terreno.

Os inconformados cansam. Afadigam-se, deixam-se vencer.

Nenhuma doutrina necessita mais de união de princípios do que a nossa.

Que adversários tentem lançar a desunião entre os espíritas, compreende-se.

O que se não compreende é que hajam espíritas contra as regras e linhas mestras do verdadeiro Espiritismo.

E os há, por aí, infelizmente.

E confessem também.

Para eles, nosso amor e inflexível tolerância.

Concurso Infantil «JOÃO DE DEUS»

O Departamento das Mocidades da União Espírita Mineira, sediada em Belo Horizonte, E. de Minas Gerais, está instituindo, para estimular vocações no setor da organização de contos infantis, para uso de Escolas de Evangelho, o Concurso de Histórias Infantis denominado "João de Deus", cujas bases vão abaixo transcritas:

I — As histórias devem ter um sentido educativo — moral, evangélico-espírico, vasadas em termos acessíveis à mentalidade infantil.

II — DESTINAM-SE as histórias a crianças de três grupos diferentes:

- crianças de 3 a 7 anos (infantil);
- crianças de 7 a 12 anos (primário);
- crianças de 12 a 18 anos (intermediário).

III — Os concorrentes deverão mencionar para qual grupo (A, B ou C) escreveram a história.

IV — O conto não deve exceder, em hipótese alguma, de uma página e meia de papel ofício, datilografado em um espaço e meio.

V — As histórias destinadas aos grupos A e B serão posteriormente adaptadas a figuras, pormenor esse que deve ser considerado pelos concorrentes, no sentido de facilitar o trabalho de adaptação, que será feita pela Secretaria de Assuntos Infantis.

VI — Os concorrentes poderão assinar as histórias com os seus próprios nomes ou com pseudônimo, enviando em separado nome e endereço.

VII — As histórias deverão ser remetidas até o dia 30 de JUNHO do corrente ano, para o seguinte endereço: DEPARTAMENTO DAS MOCIDADES DA UNIÃO

ESPÍRITA MINEIRA — Rua Curitiba, 266 — Caixa Postal, 61 — Belo Horizonte — Minas Gerais.

VIII — Os prêmios serão conferidos por uma Comissão de Julgamento, oportunamente designada pelo Departamento das Mocidades da E. E. M., de acordo com a seguinte classificação:

1.º prêmio (Prêmio "Icléa") — QUALIDADE — (para a melhor história) — A série dos três livros interpretativos do Evangelho, ditados por EMMANUEL: "Caminho, Verdade e Vida", "Pão Nosso" e "Vinha de Luz".

2.º prêmio (Prêmio "Meimei") — ORIGINALIDADE (para a história mais original) — Os livros "Boa-Nova" e "Luz Acima", ditados por Irmãos X.

3.º prêmio (Prêmio "Monteiro Lobato") QUANTIDADE (a ser conferido ao concorrente que enviar maior número de histórias) o livro "Paulo e Estêvão", ditado por Emmanuel.

IX — Entre outros, poderão ser aproveitados os seguintes temas na elaboração das histórias: 1.º) DEUS E JESUS. AMOR AO PAI CELESTIAL. 2.º) DEVERES CRISTÃOS. — PROCEDIMENTO DA CRIANÇA NA ESCOLA, EM CASA, ETC.; 3.º) A MORTE, A VIDA NO ALEM. O REINO DE JESUS. 4.º) SÍNTESE DA VIDA E OBRA DE KARDEC. 5.º) REENCARNAÇÃO. 6.º) O ALCOOLISMO E SUAS CONSEQUÊNCIAS. O FUMO E O JOGO. 7.º) A FE'. CORAGEM DA FE'. A ESPERANÇA. 8.º) OBDIÊNCIA. FIDELIDADE. 9.º) OS PAIS, OS IRMÃOS, OS PROFESSORES. AMOR E RESPEITO QUE LHES DEVEMOS. 10.º) O ESTUDO. SUA BELEZA E UTILIDADE. 11.º) BRASIL, "CORACÃO, MUNDO E PÁTRIA DO EVANGELHO. 12.º) DECISÃO POR JESUS.

Página do II.º Congresso das Mocidades Espiritas da USE

O ASPECTO SOCIAL-CONFERNATIVO DO SEGUNDO CONGRESSO

NAIR DE MOURA

O mundo está dividido em numerosas ideologias religiosas, filosóficas e políticas. Não existe união entre os habitantes deste plano, e, em consequência, não existe paz nos corações, que clamam por um mundo melhor. Esta diversidade de opiniões existirá sempre, atestando a evolução do espírito, mas não podemos permitir que ela se desenvolva de maneira antifraterna, tal como pressenciamos hoje na face da Terra. A lei de amor ensinada por Jesus não pode ser colocada à margem como princípio impraticável, no estado de evolução atual. muito ao contrário, deve ser sentida, e ensinada, como objetivo cristão de todos aqueles que almejam o progresso real das criaturas, e o melhoramento moral do mundo.

Esse objetivo, cujos fundamentos repousam no Evangelho do Cristo, vem sendo alcançado paulatinamente. O esforço desenvolvido pelo Espiritismo é digno da nossa atenção. É que o Espiritismo não se apresentando aos homens como uma elaboração humana, não procura tomar posição entre as igrejas da Terra. Agindo como puro movimento, onde não pode estacionar vai vencendo todas as barreiras, levando o seu círculo luminoso a todas as doutrinas e concepções humanas.

Dentro deste pensamento há um sópro forte e inspirador que vai se infiltrando por toda parte nas fileiras do Espiritismo: AS MOCIDADES ESPIRITAS. Enfrentando a vida, tal como ela se apresenta, busca o moço modificar os efeitos de uma educação errada que tem sido ministrada através de séculos. E de que forma se processa esse trabalho? Procurando restaurar os princípios sadios do Cristianismo, estimulando os jovens ao estudo e ao trabalho doutrinário, ao mesmo tempo que busca colaborar na formação moral das crianças. Na ajuda do homem de amanhã.

Vergastados pelas necessidades, arrimados na esperança e fortalecidos pela certeza de que são indestrutíveis e eternos, vão os moços propagando a verdade no seio da humanidade, procurando libertar a nossa sociedade do cativeiro da ignorância em que tem vivido durante séculos.

Lutar para vencer, quando a causa é justa e nobre, tem sido o objetivo visado. A meta é o Amor, o amor que edifica e enobrecer, do qual Jesus legou o maior testemunho através dos tempos.

Por isto, sentimo-nos à vontade para dizer que estamos vivendo momento de grande expectativa, com a realização do SEGUNDO CONGRESSO DAS MOCIDADES ESPIRITAS DO ESTADO DE SÃO PAULO, nos dias 28, 29 e 30 de maio próximo. Nêle, temos a certeza, iremos viver momentos de intensa alegria na companhia de jovens dedicados ao trabalho da Seara.

As reuniões prometem ser agradabilíssimas, tal o cuidado com que se empenhou o Departamento das Mocidades da USE, na elaboração do programa deste conclave. Jovens e adultos experimentados nas lides construtivas, unidos e fraternos, estão cooperando para a vitória dessa festa de confraternização.

A fraternidade, fruto de Amor, tem inspirado os mais belos sentimentos. O Segundo Congresso vem se revestindo desta característica: confraternização. Desde o seu início, com as "reuniões prévias" realizadas no interior do Estado, e os festivais pró-Congresso, nesta Capital, provou a contento o desejo dos moços em bem servir a causa, tais os exemplos de solidariedade e trabalho.

No desejo incoincido de proporcionar o melhor aos visitantes que aqui virão, tem se desdobrado o Departamento das Mocidades. Não poupando esforços para que tudo decorra dentro de um ambiente harmonioso, foi estudada a possibilidade de dar aos Congressistas uma rápida visão do IV CENTENÁRIO DA CIDADE DE SÃO PAULO, dando o curto tempo do Congresso (três dias). Vencendo este terrível obstáculo, o tempo, será realizada uma visita à Exposição do Parque Ibirapuera, e um piquenique em Interlagos, proporcionando descanso, distração e aproximação entre os moços.

Animados por este ideal de fraternidade, caminham os moços em bases seguras, para que através dos tempos possam converter as diversidades humanas, com elos de união

para todos os grupos e todos os povos. E estamos certos de que, num ambiente de trabalho e compreensão, visando o verdadeiro futuro do homem, muito poderemos realizar no Segundo Congresso das Mocidades para a solução dos angustiantes problemas que afligem o mundo.

Estendemos, pois, o nosso convite a todas as Mocidades, para esse trabalho comum de esclarecimento e de reciproca experimentação, e para esta grande jornada de confraternização.

SEJAM BEM-VINDOS

CÍCERO PIMENTEL

Já vai para cinco anos que se realizou nesta capital, patrocinado pelo Departamento de Mocidades da USE, a 1.ª Reunião de Mocidades Espiritas deste Estado, com bom êxito social e doutrinário. Nesse interim muitas "semanas espíritas", concentrações e reuniões confraternativas foram realizadas no Interior, dando preciosa oportunidade para que os jovens da Capital conhecessem e travassem amizades fraternais com os jovens e confrades interioranos tão amáveis e hospitaleiros.

Agora, em vésperas de uma segunda reunião de moços espíritas, que é o 2.º Congresso Estadual de Mocida-

des, marcado definitivamente para 28, 29 e 30 de maio, surge excelente ocasião para proporcionarmos aos congressistas momentos de sadia fraternidade, e também para recepcioná-los com vibrante alegria, dispostos juntos a trabalharmos para difusão e prática do Espiritismo bem orientado.

Sejam bem-vindos, pois, todos os confrades que participarão deste conclave, onde serão tratados assuntos primordiais de unificação, orientação e divulgação da doutrina espírita no seio das dezenas de núcleos de jovens espíritas, tanto da Capital, como do Interior deste Estado.

O programa publicado no "Unificação" de março de 1954 inclui entrega de credenciais na sede da USE, reuniões plenárias, a Noite do Moço Espírita, passeio ao Parque Ibirapuera, visita às exposições do IV Centenário da Fundação de S. Paulo, etc. O congresso por certo contribuirá, pelo menos, para o fortalecimento dos laços de amizade dos participantes e de experiência no campo doutrinário e direcional, para os futuros responsáveis do movimento espírita brasileiro.

S. Paulo de quatrocentos anos espera de braços abertos e com grande entusiasmo e alegria os congressistas paulistanos!

Circular DM. 54/2-300 do Departamento de Mocidades

Retornamos, mais uma vez, à sua presença, agora já às vésperas do SEGUNDO CONGRESSO DAS MOCIDADES ESPIRITAS DO ESTADO DE SÃO PAULO e com os nossos trabalhos preparatórios e preliminares praticamente cumpridos, a fim de inteirá-los das providências tomadas, bem como de outros assuntos relativamente ao citado conclave.

PROGRAMA

Procurou este Departamento, na sua elaboração, distribuir os assuntos de maneira que a sua discussão e aprovação possam ser feitas com o maior proveito. Foi incluída, também, uma parte de visitas a alguns pontos de interesse e pitorescos da cidade, para dar um maior efeito social confraternativo ao Segundo Congresso. Anexamos, para sua melhor orientação, uma via desse programa, cuja reprodução rogamos fazer tanto nos jornais espíritas, como nos profanos, não só dessa cidade, como de toda a vizinhança.

SUGESTÕES PARA O TEMÁRIO E TESES

Não recebemos novas sugestões para o temário. Publicamos na edição de março, do "UNIFICAÇÃO", uma resenha das sugestões coletadas por ocasião das reuniões prévias, e para a qual pedimos sua atenção, pois do seu conhecimento e do seu antecipado estudo dependerá o acerto das conclusões finais do Congresso das Mocidades.

INSCRIÇÃO OU ADESAO

Já começaram a nos ser dirigidas. A Mocidade Espírita Josêense, de São José dos Campos, foi a primeira organização a nos dar sua adesão. Secundou-a a União da Mocidade Espírita de S. Paulo. Aguardamos que, ainda neste mês, a grande maioria das Mocidades promovam sua inscrição. A pronta adesão ao Segundo Congresso representa uma grande contribuição que as Mocidades podem nos oferecer.

SUBCOMISSÕES TÉCNICAS

Foram instaladas três, a saber: Recepção e Alojamento — Festas e Programações — Publicidade e Redação, sob responsabilidade dos nossos confrades Cícero Pimentel, Nair de Moura e Paulo Toledo Machado, respectivamente. As Mocidades Espíritas da Capital, cónscias da parcela da responsabilidade que lhes cabe, não têm medido esforços para que seus membros nos empenhem sua necessária ajuda. Tudo nos faz crer, portanto, no brilhantismo do Segundo Congresso.

TEMÁRIO

Juntámo-lo. Encarecemos a importância de sua transcrição nos jornais espíritas ou profanos da região.

PUBLICIDADE

Pedimos aos jornais e revistas espíritas, moços, Mocidades e espíritas em geral, colaborarem na difusão do programa, do temário, etc. para que o SEGUNDO CONGRESSO DAS MOCIDADES ESPIRITAS DO ESTADO DE SÃO PAULO constitua, como de fato haverá de se constituir, num marco do progresso do movimento espírita juvenil em nosso País, Coração do Mundo e Pátria do Evangelho, segundo o luminoso espírito de Humberto de Campos. Agradecemos a publicação desta circular, bem como de frases alusivas ao Segundo Congresso, que os órgãos publicitários e de difusão espíritas houverem por bem fazer.

São estas, pois, as novas que lhes deveríamos transmitir.

Guardando, desde já, a oportunidade do feliz reencontro com o SEGUNDO CONGRESSO DAS MOCIDADES ESPIRITAS DO ESTADO DE SÃO PAULO nos oferecerá nos próximos dias 28, 29 e 30 de maio, agradecemos a sua valiosa atenção.

Programa do II.º Congresso das Mocidades Espiritas do Estado de S. Paulo

- Dia 28 de maio — sexta-feira
 às 10,00 horas — na U.S.E. — Rua Santo Amaro, 362
 — ENTREGA DE CREDENCIAIS AOS REPRESENTANTES DAS MOCIDADES.
 às 14,00 horas — na Sinagoga Espírita "Nova Jerusalém" — Rua Casemiro de Abreu, 392
 — INSTALAÇÃO SOLENE DO CONGRESSO.
 — PRIMEIRA REUNIÃO PLENÁRIA: *DOCTRINA*
 às 20,00 horas — na Sinagoga Espírita "Nova Jerusalém" — Rua Casemiro de Abreu, 392
 — SEGUNDA REUNIÃO PLENÁRIA: *PUBLICIDADE*
- Dia 29 de maio — sábado
 às 8 horas — na Liga Espírita do Estado de São Paulo — Rua Brigadeiro Tobias, 238
 — TERCEIRA REUNIÃO PLENÁRIA: *SOCIAL E ASSISTENCIA*
 às 14,00 horas — na Liga Espírita do Estado de S. Paulo — Rua Brigadeiro Tobias, 238
 — QUARTA REUNIÃO PLENÁRIA: *ORGANIZAÇÃO*
 às 20,00 horas — na Federação Espírita do Estado de São Paulo — Avenida Irradiação, 158
 — NOITE DO MOÇO ESPIRITA, com a cooperação artística das Mocidades Espíritas do Estado.
- Dia 30 de maio — domingo
 às 9,00 horas — na Rádio Tupi: Programa HORA ESPIRITUAL
 — VISITA, PARTE ARTÍSTICA E PALESTRA PELOS CONGRESSISTAS.
 às 10,00 horas — PARQUE IBIRAPUERA
 — VISITA À FEIRA-EXPOSIÇÃO DO QUARTO CENTENÁRIO DA CIDADE DE SÃO PAULO.
 às 12,00 horas — INTERLAGOS
 — ALMOÇO AO AR LIVRE (Pede-se a cada Congressista levar o seu farnel).
 às 15,00 horas — na Federação Espírita do Estado de São Paulo — Avenida da Irradiação, 158
 — QUINTA REUNIÃO PLENÁRIA — *ARREGIMENTAÇÃO*
 às 20,00 horas — na Federação Espírita do Estado de São Paulo — Avenida da Irradiação, 158
 — SESSÃO SOLENE DE ENCERRAMENTO
 LEITURA DAS CONCLUSÕES
 PALAVRAS DOS REPRESENTANTES DAS MOCIDADES DA CAPITAL E DO INTERIOR.

TEMÁRIO DO SEGUNDO CONGRESSO

Serão discutidas as sugestões e pareceres propostos nas reuniões prévias e enviadas à "U.S.E." até 30 de abril de 1954.

- I — DOCTRINA
 a) Posição do moço espírita em face de controvérsias doutrinárias.
 b) A ação do moço espírita e sua reforma moral de acordo com os princípios doutrinários.
 c) Constituição de Cursos de Doutrina nos meios juvenis.
 d) Formação Doutrinária das Mocidades, etc.
- II — ORGANIZAÇÃO
 a) Administração, Departamentos e Serviços Gerais.
- III — ARREGIMENTAÇÃO
 a) Do Moço: meios possíveis.
 b) Das Mocidades: forma ideal.
- IV — PUBLICIDADE
 a) Jornal, rádio, folhetos, etc.
 b) Palestras, reuniões, teatro, etc.
- V — SOCIAL
 a) Confraternizações e recreações, etc.
- VI — ASSISTENCIA
 a) Trabalho possível, com o concurso ou através das Mocidades, etc.

Página do II.º Congresso das Mocidades Espiritas da USE

Regimento do Segundo Congresso das Mocidades Espiritas do Estado de S. Paulo

CAPÍTULO PRIMEIRO

Da Direção dos Trabalhos

Art. 1.º — A mesa diretora constará de Presidente, dois vice-presidentes, secretário-geral e dos secretários.

Art. 2.º — Exceção feita ao Presidente, ao Secretário-Geral, todos os demais membros da mesa, em todos os dias, serão substituídos.

Art. 3.º — Todos os elementos, para preenchimento dos cargos em cada dia, deverão ser eleitos no dia da instalação do Congresso, a saber: 6 (seis) vice-presidentes e 6 (seis) secretários.

Art. 4.º — A presidência do Congresso caberá ao presidente da USE ou a pessoa por ele indicada.

Único — A presidência poderá indicar assessores técnicos a título de esclarecimento quando julgar necessário.

Art. 5.º — A Secretaria Geral, que funcionará como assessoria técnica, será sempre ocupada por um dos membros da Comissão Diretora do Departamento das Mocidades, em rodízio ou não.

Art. 6.º — Só tomará assento à mesa os elementos acima referidos e um representante do Departamento das Mocidades da Federação Espirita Brasileira, exceto na REUNIÃO SOLENE DE ENCERRAMENTO, em que também participarão da mesa os oradores do dia e os representantes de entidades federativas do país.

CAPÍTULO SEGUNDO

Das Representações

Art. 7.º — Cada Mocidade será representada por qualquer número de elementos, observado o seguinte:

a) desde que pague a taxa de adesão de Cr\$ 100,00 (cem cruzeiros), que será cobrada de todas as Mocidades e Juven-tudes;

b) desde que delegue poder a apenas um de seus elementos para votar oficialmente;

d) desde que notifique previamente à Secretaria Geral, poderá substituir o elemento anteriormente indicado, para votar em seu nome oficial.

Art. 8.º — Não serão permitidas delegações de poderes para representar a Mocidade, a pessoas estranhas às mesmas, devendo por isso todas as delegações se apresentar com credencial por escrito e devidamente assinada por elemento responsável da respectiva Mocidade.

Art. 9.º — As pessoas com direito a voto poderão permanecer ao lado dos demais elementos da bancada, desde que

sejam facilmente identificáveis no momento de votar.

Art. 10.º — Os representantes com direito a voto assinarão diariamente o livro de presenças.

CAPÍTULO TERCEIRO

Das Reuniões

Art. 11.º — As reuniões começarão pontualmente à hora marcada, com qualquer número de representantes.

Art. 12.º — Das mesmas serão lavradas atas, pelos secretários do dia, sendo lidas e aprovadas no início da reunião do dia seguinte.

Art. 13.º — Poderão usar da palavra somente os representantes das Mocidades previamente nomeados.

Art. 14.º — Os oradores deverão ser sintéticos e objetivos na exposição de seus pontos de vista, evitando fugir do assunto em debate. Caso isso aconteça, a direção dos trabalhos será obrigada a adverti-los.

Art. 15.º — Não serão permitidos discursos de saudação ou de homenagens, nem votos de louvor.

Art. 16.º — As votações serão sempre individuais e por eliminatória, quando houver mais de duas propostas. Nenhuma votação poderá ser feita por aclamação.

Art. 17.º — Serão postas em votação, primeiramente, todas as propostas sobre o assunto em discussão. A seguir, a metade mais votada, eliminando metade das propostas de cada assunto por vez, até escolher uma apenas.

Art. 18.º — Não serão admitidas sugestões novas, além das já colhidas nas Reuniões Prévias e das enviadas por escrito até a data prefixada pelo Departamento.

Art. 19.º — A prece será oral no início e no encerramento de todas as reuniões.

CAPÍTULO QUARTO

Das Resoluções

Art. 20.º — Será nomeada pela Presidência, dentre os Congressistas, uma Comissão de Redação, no dia da instalação do Congresso, com três elementos, para redigir com urgência novos artigos e parágrafos, para substituições nos Estatutos e Regimentos para Mocidades, bem como organizar e sistematizar as resoluções finais.

Art. 21.º — As resoluções finais serão lidas na reunião de encerramento e assinadas pelos representantes das Mocidades.

Art. 22.º — Essas resoluções serão posteriormente submetidas à apreciação do Conselho Deliberativo Estadual da USE.

Secção da Criança

LUIZA PESSANHA CAMARGO BRANCO

No outro domingo, as crianças já estavam tôdas reunidas no caramanchão da casa de Márcia. E' que cada uma queria também contar o que havia feito nas férias. Havia porém uma discussão muito grande. Um queriam que, em vez de contarem suas férias, já fossem decidindo fazer qualquer coisa.

— Márcia, melhor você ir chamar seu pai para todos ficarem quietos e nós podermos decidir.

— Não, não vou chamar Papai. Você não se lembra como domingo passado êle veio mas não quis decidir nada?

— E êle tinha muita razão, foi logo dizendo o José. Se a gente nunca escolher e decidir, também nunca aprende a escolher e decidir.

— E'; mas também a gente tem que ter um teatrinho.

— Eu também acho...

— Acha o quê? Você pensa que nós vamos poder escolher as representações? E onde vamos representar? E quem...

— Ih! chega de tanta pergunta. Nós queremos o teatrinho.

— Teatrinho, teatrinho! Teatrinho, teatrinho!...

E aquelas que gostavam de recitar e de cantar e de dançar puseram-se a bater as mãos e a cantar:

— Teatrinho, teatrinho...

— Outra vez desordem, assim não se pode resolver qualquer coisa...

— Está demais o barulho; assim não pode ser...

Márcia foi falando baixinho de criança em criança e dizendo:

— Você quer ir para a sala? Lá nós, falando baixo, sem gritaria, vamos escolher o que devemos fazer. Sem gritaria, para Papai e Mamãe deixarem a gente ficar lá dentro.

Assim Márcia foi separando todos os que queriam conversar em voz baixa, sem gritar, sem bater as mãos, sem fazer barulho. As barulhentas ficaram no quintal, gritando e sem se entenderem. Lá na sala, Laurinha disse:

— Eu nunca tive jeito para falar como quem está fazendo discurso, sôzinha, parada perto da mesa. Mas agora chegou a minha vez e a minha coragem. Tive uma idéia. Quem quiser teatrinho, escreva num papelzinho — teatro; quem quiser só se reunir para brincar e contar histórias, escreva no papelzinho — brinquedo. Depois vamos pondo os papelinhos aqui dentro desta caixa. Vamos tirando e vamos contando. Quem tiver mais papelinhos, ganhou.

— Muito bem, Laurinha, muito bem!

— Isso, isso mesmo...

— Psiu! estamos na sala, dentro de casa, nada de gritaria. Vamos escrever.

No fim de algum tempo a caixa estava cheia de papelinhos. Laurinha a dona da idéia ficou perto da mesa; Carlos e Júlia iam tirando-os e lendo-os. Marcos ia marcando. Nesse instante começaram a chegar alguns dos barulhentos lá de fora. Queriam, também, escrever sua opinião e pôr dentro da caixa. Os que já tinham escrito não queriam deixar. A reconceira a barulhada. Márcia já estava arrependendo-se de ter chamado alguns para dentro de casa, com receio que fizessem barulho. Felizmente Papai ia passando pelo corredor; parou na porta e ficou olhando. As crianças, assim que viram Papai, já foram ficando quietas e sem jeito de dizer qualquer coisa. Papai, então, perguntou:

— Que resolveram a respeito da discussão lá do quintal?

— Ah! Papai, pois então o senhor ouviu e já sabia o que estávamos fazendo?

— Decerto, Márcia. Os pais sabem sempre o que os filhos podem fazer e quando pensam que o pai ou a mãe não estão sabendo de nada, aí mesmo é que os pais sabem tudo.

— Ah! mas, então, é assim, Papai?

— Como não! É mais. Sei o que você deseja, o que você recebe, o de que você não gosta...

— E' sim, isso é verdade. Diga o que estou preferindo: se quero brinquedo ou se quero teatro.

— Teatro, disse logo o Papai. Você quer teatro.

— E' mesmo. Mas, como o senhor sabe?

— Pois não sou seu pai? Nosso Pai que está nos céus, Deus, também não sabe tudo o que queremos, o que precisamos, o que tememos?

— Isso é. Já que o senhor está aqui, ajude-nos. Os meninos e as meninas que estavam lá fora e não quiserem, no começo, vir sossegadamente escolher, é justo que êles agora venham, depois que já terminamos e também escolham? Por que não ficaram na algazarra lá de fora?

— Pois decidam vocês mesmos.

— Não, Papai, vai demorar muito. Imagine cada um de nós tornar a escrever um papelzinho, sim ou não. Depois recolher. Depois contar. Não, isso é muito demorado.

— Façam de modo mais rápido. Laurinha que está sendo a presidente desta reunião diga assim: Há crianças que, por estarem lá fora, não escolheram. As que estão aqui querem que elas também, agora, escolham? Quem quiser que elas escolham, fiquem de pé. Quem não quiser, fique sentado. Assim, Laurinha conta, vê quem ganhou e num instante decide.

— Ah! êste meu Paizinho é formidável!

Fizeram como o Papai de Márcia ensinou. Vocês querem, também, escolher? Mandem para o "UNIFICAÇÃO" o que vocês preferem; reunir-se em um salão que vou arranjar para nos reunirmos a fim de brincarmos ou para formarmos um teatrinho. Mandem sua opinião para a Caixa Postal, 3.946 — Capital — S. Paulo. Se as de teatrinho ganharem, formaremos o teatrinho e vocês conhecerão a Márcia. Se quiserem brinquedo, nos reuniremos para brinquedos, jogos, histórias, charadas. Mandem que no próximo número de "UNIFICAÇÃO" já contarei a vocês quem ganhou.

Informações do Segundo Congresso

- Encerrou-se dia 30 de abril último o prazo para os interessados apresentar teses ou propostas ao Segundo Congresso.
- De conformidade com o artigo 7.º, letra "a", do Regimento do 2.º Congresso, será cobrada a taxa de Cr\$ 100,00, a título de adesão.
- As Mocidades deverão providenciar urgente sua inscrição, para facilitar os trabalhos de alojamento dos jovens congressistas.
- Dia 28, às 10 horas, na sede da USE, à rua Santo Amaro, 362, serão entregues credenciais aos congressistas, os quais deverão vir munidos de carta-credencial, de sua Mocidade, devidamente assinada.
- Os moços do interior deverão sempre se dirigir à sede da USE, quando chegarem nesta Capital.
- As resoluções do Segundo Congresso serão posteriormente submetidas à apreciação do Conselho Deliberativo Estadual da USE.
- Cada representação de Mocidade poderá se constituir com número indeterminado de elementos. Porém somente um terá direito a voto.
- As votações no Congresso serão sempre individuais e por eliminatórias. Nenhuma votação poderá ser feita por aclamação.
- As Mocidades Espiritas do Estado deverão cooperar artisticamente na NOITE DO MOÇO ESPIRITA a ser realizada no dia 29-5-54.
- O Departamento das Mocidades saúda as Mocidades Espiritas do Estado de São Paulo presentes ao Segundo Congresso.
- O Departamento das Mocidades abraça fraternalmente tôdas as demais representações de Mocidades e moços espiritas que se fizerem representar no conclave de maio.

VII Concentração de Mocidades em Rio Verde

Conforme foi amplamente anunciado, realizou-se nos dias 15 a 18 de abril, com inteiro êxito social-doutrinário, a VII Concentração de Mocidades Espiritas do Brasil Central e Estado de S. Paulo na cidade goiana de Rio Verde.

A reunião confraternativa em aprêço compareceram cerca de 30 entidades juvenis, a saber, 15 de Goiás, 10 de S. Paulo e 5 de Minas Gerais; o programa constou de palestras, partes artísticas, debates doutrinários, passeios, leitura das teses premiadas, etc.

Jundiá, neste estado, foi escolhida como sede da VIII Concentração, a realizar-se em 1955, e desde já congratulámo-nos com os novos membros do conselho diretor.

O Departamento de Mocidades não pôde, infelizmente, se fazer representar nesta

reunião, mas um telegrama de felicitações foi enviado aos jovens reunidos em Rio Verde. Parabéns aos confrades goianos que moral e materialmente apoiaram mais esta reunião de confraternização do movimento espírita.

3.º FESTIVAL PRÓ-SEDE DA U.M.E.S.P.

A diretoria da UMESP participa-nos que foi realizado no dia 2 de maio, às 15 hs., no salão de festas do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento, o 3.º Festival artístico-musical, em benefício da sede própria, recém-adquirida.

Enviamos nossos votos de constante progresso aos jovens da União da Mocidade Espírita de S. Paulo pela conquista, tão almejada, da sua sede própria.

AUSTRIA

Estudos psíquicos

Durante a última Guerra e logo após ela os estudos psíquicos não pudessem sofrer — e não podia ser de outra forma — grande colapso.

No entanto agora a flâmula do ideal espiritualista se está desfraldando novamente aos ventos.

Já existe uma sociedade, presidida pelo Barão von Winterstein, chamada *Osterreichische Gesellschaft für Psychische Forschung*. Uma das suas maiores animadoras é a Condessa Wasilko Arecki.

O Prof. Urban, de Innsbruck, tem feito diversas experiências psíquicas, acompanhadas de choques terapêuticos.

BRASIL

São Paulo

O diabo de Piracicaba

O diabo anda às soltas em Piracicaba, noticiaram alguns jornais da

PELO MUNDO

Capital. A reportagem de um deles foi àquela cidade e voltou contando coisas do arco da velha do que viu e ouviu por lá. Vamos acompanhá-la de perto, resumindo-lhe o noticiário.

Em modesta residência, composta de sete pessoas — uma das quais um bebê de dois meses apenas — houve (ou ainda está havendo) grandes estrepolias, devidas ninguém sabe a quem e providas ninguém sabe de onde. Às tantas da noite, as portas abriam-se e fechavam-se sozinho e ouviam-se murros raiosos nas janelas. Levantava-se atarantado o pessoal de casa e não via alma humana alguma. Numa das vezes encontrou no corredor uma poça de urina fresca e mal cheirosa!

O espírito-de-porco (como lhe chama jocosamente o repórter) não satisfeito com as demonices, atrai ca-

deiras no chão, retira tições do fogão e os joga no soalho, lança tijolos para dentro de casa e entorna vasilhas de água. Ainda fez mais o careta: virou uma cama de pernas para o ar e atirou um tomate — com este prego! — num dos moradores, que se esborrachou todo (bem entendido, o tomate).

O que mais causou admiração aos estarecidos espectadores foi o fato de os fenômenos se terem reduplicado exatamente quando estava presente uma das moradores do prédio, uma menina de onze anos de idade. Diziam então que o diabo, o xetê piracicabano, era um salafário, porque se valia, para a produção de suas faganduzes, da presença de uma menina de onze anos, que por natureza tem menos força moral, menos fé cristã e conseqüentemente menos meios de defesa própria.

O farrapeiro é mesmo turrão e assustoso como ele só: deu também para mexer no armário de louças e nos guarda-roupas. Nada lhe escapou maldosamente.

Frei Paulilo, da Ordem dos Franciscanos, foi chamado para benzer a casa. Benzeu-a contidamente; mas o mafarrico, talvez implicado com a barba hispida do franciscano — segundo pudemos ver da fotografia publicada — enturpeceu-se ainda mais e quase pôs a casa abaixo, pois que procurou reduzi-la aos alicerces naturais.

O frei, ante tamanha vilosidade do anhangüera, que nem sequer lhe respelou as barbas, vai apelar — o que já deve de ter feito — para o Excelentíssimo e Reverendíssimo Bispo diocesano, pedindo-lhe pôr um parágrafo àquelas traquinices do pé-de-cabra — como dizia uma das meninas Fox — e lhe mostrar que quem pode o mais pode o menos. O frei não admite barbas!

Qual, irmão Paulilo, não adianta. Rezas e exorcismos de nada valem

O LIVRO DOS ESPÍRITOS E SUA TRADIÇÃO HISTÓRICA E LENDÁRIA (1)

CANUTO ABREU

VIII

(Continuação)

UMA EFUSÃO DE JÚBILLO aflorou aos semblantes de todos após a prece. Durante ela desabara súbitamente curtíssimo temporal. A intensidade do relâmpago e do trovão, que procederam a chuva, sobressaltara os corações pelo inesperado. Mas RIVAIL, senhor de si e do momento, imprimindo à voz um tom dramático, pôde converter o susto geral em efeitos vibratórios, que tornaram a oração a um tempo emotiva e sintonzada.

Batendo forte nas venezianas, felizmente cerradas, as pingas em jorro pareceram a manifestação física de Espíritos sofredores suplicando à Caridade, sedentos de Luz e Misericórdia. E, passando com relampejar distante e trovoadas em murmúrio, justamente quando findara a prece, a inopinada e passageira descarga atmosférica provocou comentário admirativo na conversa animada. Embora as precipitações pluviais rápidas e trovejantes fossem comuns na Primavera, houve a impressão geral de não ser aquele aguaceiro, no justo instante da prece, simples coincidência, mas uma cena teatral verdadeira preparada pelo Invisível.

Enquanto a sociedade discutia o assunto, Gabi e Caroline passaram a servir confeitos e bombons.

A certa altura da palestra, CARLÓTTI mostrou desejo de dizer algumas palavras. O silêncio restabeleceu-se, pondo-se todos à escuta.

* * *

E O AMIGO DE RIVAIL principiou:

— Fui presa da emoção, Senhoras e Senhores, não quando o raio pareceu cair dentro deste apartamento, mas quando o Professor disse em seu brilhante discurso ter sido eu o primeiro a falar-lhe sobre a intervenção dos Mortos no fenômeno da 'Mesa'. Aprendi em criança que a fúria do Júpiter não atinge aquele que vê o relâmpago, pois o raio fulmina sua vítima antes dela perceber-lhe a centelha e o estalo. O que me chocou e me faz agora abusar da palavra...

— Abusar, não! — apartou RIVAIL. Você usa sempre da palavra com inteira propriedade.

— ... foi o fato, para mim desvanecedor, de haver sido, num minuto da vida, instrumento da Providência junto de RIVAIL.

— Um elo da corrente que me prendeu ao caos do Espiritismo, acentuou o Professor.

— Ufano-me desse fato que me tornou colaborador da Providência numa fase histórica da Humanidade. Eu o ignorava. Conheço porém outro que, esse, considero sempre um sinal da Intervenção Divina em favor de RIVAIL, 'sinal' de que tive a ventura de ser testemunha cooperante. Relaciona-se com a narrativa do Professor e a ela deverá ficar apenas como parte complementar da história de O LIVRO DOS ESPÍRITOS. Antes porém de narrá-lo quero merecer dos bons amigos um bocado de paciência para uma explicação passoal. A bem

da verdade, preciso retificar um ponto do esplêndido discurso de RIVAIL.

* * *

E prosseguiu:

— A crença na manifestação dos Espíritos pela 'Mesa' não me veio, como supôs RIVAIL, da teoria animista. Veio-me com o sonambulismo místico da Escola Espiritualista, exatamente como aconteceu com o Professor. Até meado de 1850 eu era, de fato, adepto sincero da Escola Animista. E tinha ojeriza não só pelos Naturistas, um tanto petulantem em sua meia-ciência — perdoe-me o Professor RIVAIL, para quem abro exceção — mas sobretudo pelos Espiritualistas, que viam na ação magnética uma destas duas coisas em que eu não acreditava: Ou os dedos sedosos de São MIGUEL e de seus Anjos, ou as garras aduncas de SATAN e de seus Demônios. Naquele ano de 1850, conversando um dia com o Senhor ROUSTAN na 'Sociedade Magnetológica', esse bom companheiro, até então Animista como eu, me advertiu de que, a seu novo modo de ver, os Espiritualistas se achavam mais próximos da 'realidade magnética' do que os Animistas. Travamos logo debate, pois sou incorrigível contraditor, e as alegações de ROUSTAN me assombraram pela lógica, deixando-me apreensivo e sedento das demonstrações que ele me prometera. No dia seguinte, após uma noite agitada em que me pareceu estar rodeado de Gnomos e Demônios, procurei outra vez ROUSTAN na mesma 'Sociedade', de que eu fazia parte e onde ele de graça distribuía diariamente passes magnéticos de cura aos doentes que buscavam a terapêutica magnética. E pedi-lhe me encaminhasse às provas prometidas. Atendendo-me gentilmente, levou-me pouco depois a uma casa da Rue Tiquetonne em cujos fundos havia modesta oficina de camiseiro. Um homem de pequena estatura franzino, de avental azul e gorro de veludo preto, sem abandonar a mesa onde trabalhava de pé no corte duma camisa, recebeu-nos com estas palavras: — "Entrem, Irmãos". Era o Senhor Alphonse CAHAGNET, o Magnetista discutido, que havia pouco publicara seu impressionante livro 'Arcanos da Vida Futura Desvendados'. Dêle já me haviam falado muito nas rodas magnéticas. Mas, malevolamente. A defesa de seu caráter, de sua integridade mental, de seu trabalho em torno do Sonambulismo, só na véspera me fora dado ouvir pela primeira vez dos lábios sinceros e abalados de ROUSTAN. Achava-me pois diante do homem que, em plena metade do Século XIX, opunha suas experiências magnéticas ao Positivismo, ao Naturismo, ao Animismo, sustentando que as Almas dos Defuntos podiam comunicar-se com os homens por intermédio das sonâmbulas. Confesso-lhes, caros amigos, que minha primeira impressão foi decepcionante. Esperava encontrar o tipo clássico do Alquimista, do Mago, do Hierofante, e encontrava um simples e humilde camiseiro... Ciente do objetivo de nossa visita, o grande místico apontou-me uma operária que, sem nos ligar atenção, trabalhava junto à janela, debruçada sobre a costura. Era sua principal sonâmbula. Dispunha de raras horas, para o serviço magnético, roubadas geralmente ao descanso. Es-

tavam tomadas as mais próximas por outras entrevistas já marcadas. Fixou-me por isso uma sessão para daí a três dias. Não querendo esperar tão 'longo' tempo para resolver um problema que me afligia desde a véspera — o Vocês sabem como os mistérios do Além me empolgam — apeguei-me à boa vontade de ROUSTAN. Caminhando pela calçada impar ele me disse: — "Nesta mesma rua temos outra sonâmbula tão boa quanto a de CAHAGNET. Vamos até lá". E levou-me à casa do Senhor JAPHET. Tive então a alegria e a honra de conhecer a Senhorita Ruth Celine. Pálida, magrinha, moça, sorridente, com seus olhos grandes de pupilas negras e dominadoras, a gentil Menina deu-me a primeira impressão de ser uma criança sofredora. Pensando na minha filha Aline, de igual idade e constituição delicada, senti íntima revolta contra mim mesmo por querer aproveitar-me de tão frágil sensibilidade, quase infantil e, a meu ver, quase enferma, para saciar a gula de saber das coisas misteriosas. Prevaleceu porém o pecado da gula... A sessão realizou-se de pronto, com a presença duma Senhora, cujo nome não retivo, e duma Senhorita, 'sensitiva' também, amiguinha de Mademoiselle JAPHET. Caindo em transe sonambúlico sob os passes de ROUSTAN, a Menina JAPHET denunciou o comparecimento, junto a nós, de várias entidades invisíveis e para mim inteiramente desconhecidas. Transmitiu a ROUSTAN, à dama e à moça conselhos de ordem moral e médica, formulados pelos Mortos. Nada do que se me deparava até então era convincente da real presença de Almas de Defuntos. Tudo não passava, a meu ver, de mera clarividência da extática, cuja sinceridade eu não punha em dúvida. E considerava com meus bofões: Se 'nisto' se ergue a crença de ROUSTAN, estou bem arranjado. Mas de repente, atalhando meu pessimismo, a sonâmbula informou achar-se a meu lado certa mulher, cujos traços fisionômicos e porte corpóreo me foi descrevendo pormenorizadamente, com acentuados caracteres de minha tia Ninette, falecida há mais de trinta anos. A descrição física da Morta e suas palavras eram de tal modo identificantes que a recordação de fatos de minha vida de moço, completamente esquecidos, foi um excesso de prova apresentado por minha tia. Sem a menor discussão ou reserva passei, comovido e sincero, da Escola Animista à Espiritualista. Quando, na semana seguinte, em casa do Senhor Alphonse CAHAGNET, a sua extática a meu pedido invocou tia Ninette, eu já era um 'velho' e profundo adepto do Espiritualismo Sonambúlico e perfeito 'irmão' de CAHAGNET. A descrição de minha parenta, renovada em detalhes por Adèle MAGINOT — a estimada sonâmbula de Monsieur CAHAGNET — conferiu exatamente com a esboçada pela Menina Ruth. Apenas se acresceu dum informe importante: A natureza da enfermidade que vitimara minha tia. Eu ignorava o pormenor da moléstia e só três meses depois, nas férias em Nice, falando a respeito com meu primo, filho dela, soube ser exato o detalhe mórbido. O Grupo Magnético do Senhor CAHAGNET em 1850 era denominado 'Sociedade dos Magnetizadores Espiritualistas' e possuía uma vintena de constantes clien-

tes. Alistei-me entre os sócios, tornando-me sincero propagandista da manifestação das Almas dos Mortos por intermédio dos sonâmbulos. Conveni o Senhor CAHAGNET da necessidade de requerer ao Prefeito de Polícia licença para o livre funcionamento da 'Sociedade', que era secreta. Creio que foi ela a primeira associação parisiense devidamente autorizada pela Polícia a... evocar as Almas de Defuntos.

— A primeira realmente licenciada, apoiou ROUSTAN.

— Minha convicção portanto ecorreu três anos antes de aparecer entre nós, como grande descoberta americana, a 'Mesa Rotante' e a 'Teoria dos Espíritos'. O 'Espiritualismo' americano só me trouxe de novidade a comprovação 'objetiva' dum fato que eu já admitia 'subjettivamente', se Vocês me permitem empregar a linguagem de Augusto COMTE, bem ou mal. Eu já aceitava a manifestação dos Mortos pelas sonâmbulas e não tive a menor dificuldade em compreender e aceitar a sua comunicação pela 'Mesa'. Minha conversão aos Espíritos — é o que desejo acentuar — seguiu portanto ritmo similar à de RIVAIL, com diferença apenas de tempo: Ele foi chamado a ver a clarividência notável de Madame ROGER num dia e, no seguinte, pôde testemunhar a 'Mesa Rotante' em casa de Madame DE PLAINEMAISON. Eu levei dez longos meses para ir da não menos extraordinária clarividência de Ruth JAPHET e Adèle MAGINOT à 'Mesa Falante', que me foi dado presenciar pela primeira vez, em 1851, na casa do Senhor JAPHET, com a médium Ruth, isto é, dois anos antes da novidade americana 'invadir' a França.

— Você foi um Pioneiro, apartou RIVAIL.

— Segui apagadamente a esteira desbravadora de CAHAGNET e ROUSTAN.

* * *

E após um instante continuou:

— Vou contar-lhes agora o incidente providencial em que tomei parte com RIVAIL. O Professor falou-nos há pouco haver-se encontrado comigo em janeiro de 1855, sem nos dizer entretanto o dia. Posso indicar-lhes a data com precisão: 6 de janeiro. Não porque eu tenha melhor memória do que ele. É que fiz nesse dia bodas de prata e RIVAIL com sua Senhora deu-me a honra de vir à nossa festa. Conversamos sobre a novidade da época, a 'Mesa Magnética', e, levado pelo entusiasmo de propagandista, mas respeitoso da opinião arraigada do meu nobre amigo, falei-lhe da minha convicção. Como ouvimos, ele não a levou

(1) Esta obra, em sua totalidade, vai dentro em pouco ao prelo. Grato pelo animador apoio dos frequentadores deste folhetim, pretendo o autor homenageá-los com a prioridade da leitura do resto do livro em primeira edição, de poucas exemplares e com autógrafo especial. Só três meses depois de postos os volumes da primeira tiragem ao dispor das homenageadas, na sede da USE, é que a segunda, destinada às livrarias, ficará ao alcance do grande público.

A diferença entre o preço de custo e o de venda dos exemplares da primeira edição reverte-se a favor de "Inflição".

Para estimativa da quantidade, solicite-se aos prezados Leitores, porventura desejosos de participar da distribuição especial, a gentileza de enviar nome e endereço à caixa postal 1509, São Paulo. O autor agradece desde já.

em tais circunstâncias. E olhe que o fenômeno às vezes se produz dentro da própria Igreja. Não conheço o caso — um entre numerosos — de François Fontaine, acontecido lá por volta de 1591, na Igreja de Louviers? Tinha a coitada um tinho cornudo no corpo. Exorcismaram-na então, para maior efeito anti-diabólico, diante do sacratíssimo altar. Pois sabe o que aconteceu? Quando o padre Pellet lhe apresentou, pela terceira vez, a santa eucaristia, a pobre moça foi levantada pelos ares — um verdadeiro fenômeno de levitação! —, acima, muito acima do altar, com grande terror para os fiéis presentes, que nunca haviam presenciado coisa igual. Por ser endemoninhada, obrigaram-na a responder a processo por feitiçaria, cortaram-lhe os cabelos e levaram-na para a cadeia, onde morreu por algum tempo. Um dia, de repente, voltou a si, arrependeu-se, comungou, recebeu a hóstia e os juizes, depois dos trâmites legais, mandaram-na soltar.

a sério. Dessa data até a véspera de Santo Antônio, no ano passado, eu o havia perdido de vista. Na noite antonina, em casa festejada tradicionalmente por ser de meu aniversário, reapareceu-me ele de surpresa e sózinho. Após os cumprimentos perguntou-me se eu praticava em família o 'Espiritualismo' americano. Respondi-lhe afirmativamente, imaginando haver soado talvez a hora dele. Indaguei-me se eu tinha médium de confiança. Falei-lhe de minha filha Aline, que nesse momento fazia sortes com algumas amiguinhas. Consulto-me sobre a possibilidade de uma rápida sessão para assunto importante e pessoal. Eu ignorava completamente o que, em matéria de crença magnética, se passara com ele no período decorrido desde aquela dia dos Reis Magos de 1855. Mas agora estava convicto que já lhe havia soado a hora de conhecer a verdade sobre os Mortos, hora que soará mais cedo ou mais tarde para todos os Magnetistas. Chamei prontamente a mulher e a filha e reunimo-nos em meu escritório, de portas fechadas, depois de uma explicação leal aos amigos presentes. Aline preparou o lápis e o papel sobre a minha escrivaninha enquanto nos assentamos a seu lado. RIVAIL falou-lhe da conveniência de usar a pena e a tinta por mais legível a escrita e nos convidou a abrir a sessão com uma prece. Não era este o costume nosso e, vindo-nos a proposta dum Naturalista convicto, dava para a gente cair das nuvens. RIVAIL orou de pé, como perfeito discípulo de Cavalheiro de BARBARIN, dizendo: — "Em nome de DEUS TODO-PODEROSO evoco o Espírito VERDADE. SENHOR, concedo-nos esta graça". Do 'Espírito VERDADE' nem eu nem minha família jamais ouvimos falar senão no Evangelho. Mais espantado fiquei quando Aline, em vez de 'escrever' como de seu hábito mediúnico, desprezou a caneta já empunhada e entrou suavemente em crise sonâmbula de primeira vez, falando-nos: — "Que desejam Vocês de mim, filhos meus?". O Professor respondeu: — "Meu caro Guia: Desejo saber por este médium, estranho a nossas sessões costumeiras, que pensa Você da suposta 'missão' a mim atribuída por alguns Espíritos. Não tenho motivos sérios para crer nem deixar de crer nessa revelação. Não quero porém ser indiferente a uma eventual advertência do Alto para meu estímulo nem ludibriado por uma impostura. Quero, ao contrário, tomar a sério todas as tarefas a mim confiadas, se procedentes. Por isso vim apelar para Você, esperando me fale com a habitual franqueza".

* * *

CARLÓTTI, FIXANDO RIVAIL que o escutava atento e grave, perguntou-lhe: — Não se recorda do fato, Professor? — Perfeitamente. Penso porém que esse incidente íntimo devia permanecer em quietude por longo tempo. Não o acha? — Agora é tarde, caro Amigo. Já puxei a corda e o pano desliza. Esta sala está cheia de gentis espectadoras que não me perdoariam interromper a 'indiscrição'. Seria atias uma indiscrição do Polichinelo: — Quase todos aqui sabemos ter sido Você 'escolhido' entre muitos 'chamados' para iniciar a 'Reforma Religiosa' nesta fase de transição por que passa o Mundo. O que se ignora talvez, graças à sua e à minha prudência 'discreta', é o episódio em que tomamos parte, o qual, a meus olhos, não

A coisa, frei Paulilo, é muito simples e ao mesmo tempo muito mais complicada do que possa parecer a sua reverência. As façanhas havidas na sua boa terra não são artimanhas belezbônicas, porque o diabo é conto de carochinha ou história para papalvos. Só pôde produzi-las algum Espírito (ou talvez Espíritos) desencarnado, o qual, por qualquer razão, está ligado à família que atormenta. E' um Espírito inferior, na classificação de Kardec, e talvez não saiba ainda que desencarnou. Necessita de doutrinação e não de exorcismos e rezas. Na doutrinação ele será esclarecido e se compenetrará — mais cedo ou mais tarde — da parvoíce que está cometendo.

Se os fenômenos se produzem com maior intensidade quando a menina está presente, é porque ela é médium e portanto o foco maior de emissão fluidica, conforme o ensina Léon Denis. Há meninas com muito menos idade que produziram mediúnicamente muito maiores fenômenos. Se sua reverência quer nomes e fatos, es-

deve continuar mais oculto, depois do lançamento de O LIVRO DOS ESPÍRITOS. Permita-me pois continuar a narrativa do fato.

— Sem dúvida! — concedeu RIVAIL. — Pois meus Amigos: Ao escutar a consulta de RIVAIL a um Espírito de mim desconhecido, de nome vago e alegórico, e mesmo um tanto pretensioso para um Ser Errante ainda que superior, fiquei aflito. Lembrei-me logo do pobre Victor HENNEQUIN a palestrar com a 'Alma do Mundo'. Não seria porventura, pensei eu, o tal Espírito VERDADE outra espécie de 'Alma da Terra' que levava o grande Socialista à loucura e à morte violenta? E temi sinceramente o que pudesse haver de mistificação em volta de nosso Professor então para mim um novato no 'Espiritualismo'. E com a força da piedade humana e o impulso da Fé, supliquei mentalmente a JESUS não permitisse a um mistificador invisível continuar iludindo meu velho companheiro de lides magnéticas, levando-o após tantos anos de estudo a crer ter sido 'escolhido' por DEUS TODO-PODEROSO, tal como o pobre HENNEQUIN, para 'salvar o gênero humano'. Recorri também a meu Guia Santo Antônio, pedindo-lhe me ajudasse a confundir o estranho manifestante que usurpava um nome divino. Eu estava porém condenado, naquela noite antonina, a ter a imaginação arrastada de surpresa a surpresa. O Espírito respondeu: — "Confirmo o que lhe disseram, mas, para ser bem sucedido no empreendimento, Você deve ser discreto".

— Como vê, aparteuo RIVAIL, a indiscrição não é exigência minha.

— Nem culpa sua, caro Professor. Mas já está rompida. O dado está lançado. Azar meu! Permita-me prosseguir e arcar sózinho com a responsabilidade de minha indiscrição. Meus amigos: Diante da insinuante resposta do Espírito fiquei derreado e disse a mim mesmo: — Mais uma cilada das Trevas. Esta porém espero em JESUS poder desmanchar, com o auxílio de Santo Antônio. Circumspecto e atento, o Professor ia anotando do próprio punho o ditado espiritual, a minha filha falando ponderadamente, com 'autoridade' desusada nela. Firmei a atenção nas palavras para depois comentá-las com o próprio Espírito, na esperança de refutá-las uma a uma. À medida porém que se desenrolava, a estranha mensagem me foi parecendo, pela ponderação, a linguagem dum Espírito Superior. Longe do querer iludir, a Entidade mostrava a RIVAIL todos os percalços dum empreendimento reformador de crenças vetustas e arraigadas. Infelizmente, caros Amigos, não me é possível reproduzi-la de cor. Dou-lhes dela apenas a essência, guardada indelevelmente. O Espírito VERDADE anunciou estar chegada a hora da Reforma Religiosa, para a qual se fazia necessário somente o homem. Se o primeiro chamado falisse, outro o substituiria, porque o Designio da Providência jamais ficaria à mercê do livre arbítrio humano. Se fosse até o fim, seria ajudado pelos Espíritos Superiores e premiado afinal... no Outro Mundo. Descreveu os tropeços e alcápcos levantados pelas Trevas no caminho do Reformista. Não lhe bastaria escrever os princípios fundamentais da nova religião; ser-lhe-ia indispensável afrontar o Mundo e propagar a Reforma, lutando com os inimigos visíveis e invisíveis, perversos e traiçoeiros. Nem lhe seria bastante possuir cultura e inteligência; preciso lhe fôra aci-

creva-nos — não tenha medo! — que lhe daríamos às mancheias. Não é preciso ficar com a barba de mólho. Somos de casa e saudamos a Cristo.

A família, que é alvo de tais diabruras, endereçamos daqui o nosso fraternal conselho: procure um Centro Espírita idôneo (há-os tantos em Piracicaba!) ou gente espírita amiga. Consulte-o e siga-lhes a orientação e verá como dentro em pouco tempo a paz de Abraão estará reinando novamente pelas portas adentro do seu lar.

Finis coronat opus.

ANIVERSÁRIO DE GRÊMIO ESPÍRITA

O Grêmio Espírita de Beneficência de Barra do Piraí comemora, no dia 24 deste mês, o seu cinquentenário, pelo que fará realizar na sua sede social, na Rua Paulo de Frontin, 193, festividades comemorativas, de 18 a 25 do corrente mês, constituídas de exposição de livros espíritas, dados históricos e estatísticos do Grêmio, visitas a entidades de benemerência, conferências e números artísticos recreativos.

ma de tudo ter caráter de bravura. Mostrou em traços vivos o quadro de amarguras, contrariedades, calúnias, dissabores, choques morais e físicos e riscos da própria vida, reservados ao empreendedor da Reforma. E terminou com estas palavras inquisitivas: — "A missão que lhe foi apontada não é 'obrigatória', mas 'subordinada' a condições que não dependem dos Espíritos mas somente do homem chamado. Estaria Você disposto a aceitá-la com todos os percalços da Perseguição?". Confesso, prezados Amigos, que, diante da sombria perspectiva de trações e pancadarias de Espíritos e homens maus, eu ia instintivamente, para ajudar RIVAIL, responder ao Espírito VERDADE: — Não! — Mas faltou-me o tempo de despregar a língua. Mais ágil que eu o Professor replicou prontamente: — "Aceito o encargo da Providência sem restrições nem reservas".

Um susurro de alegria percorreu a assistência, com troca de olhares significativos entre os ouvintes.

* * *

DEIXANDO ESCORRER o instante psicológico de emotividade que a pronta 'aceitação' de RIVAIL provocava, CARLÓTTI continuou:

— Só depois de encerrada a sessão é que eu soube do progresso já realizado pelo Professor no campo do 'Espiritualismo' americano. Contou-me modestamente a sua situação inesperada: Havia começado em agosto de 1855 o estudo do 'Espiritualismo' com o intuito de esclarecer alguns problemas de Psicologia, Filosofia e Religião. Pretendia, se chegasse a bom resultado, abrir um curso livre e gratuito de 'Espiritualismo' doutrinário, tal como vinham fazendo os Comtistas com o Positivismo e os Magnetistas com o Magnetismo. Para isso ia arrolando as lições dos Espíritos. Quando em meditação, evocava o Espírito de sua venerável progenitora, Senhora Jeanne-Louise DUHAMEL RIVAIL — cujo retrato a óleo tensa diante de nós, traçado pelo pincel de nossa estimável artista, Professora Amélie BOUDET. Acreditava fosse ele o seu 'Espírito Familiar', pois sonhava amiúde com ela. Um dia, em casa do Senhor BAUDIN, atendendo a um consultante, o Guia do Grupo falou nos 'Gênios' que protegem e assistem os homens 'inspirados'. RIVAIL, pensando na proteção materna, arriscou sua primeira 'prova de identidade'. Perguntou bisonhamente se também ele, como escritor, estava gozando desse favor invisível. Esperava uma resposta pronta e simples como esta: — "Sim, Você é assistido por sua mãe". Aguardava essa resposta por dois motivos importantes para um Magnetista: Primeiro, não pensava naquele momento em outro Espírito; segundo, o médium que operava na ocasião sabia, como os assistentes, ter RIVAIL particular afeto pelo Gênio materno. O Guia porém respondeu-lhe apenas 'sim'. O monossilabo era demasiado vago. Insistiu por mais clareza e 'insinuou' mentalmente a 'resposta' que gostaria de ouvir, perguntando: — "Meu PARENTE ou um Amigo?". E, não satisfeito de transmitir assim o seu anelo mental ao Guia, tentou ainda 'ajudar' o médium, empregando a velha arma dos Naturistas: A 'força da vontade'. "Eu agia assim", explicou-me ele, "a título de experimentação, e o fazia pela primeira vez em trabalho mediúnico. Queria medir até onde

ATIVIDADES DA USE

CONSOLIDAÇÃO: — Inúmeras providências têm sido tomadas no sentido de consolidar, cada vez mais, orgânicamente, esta entidade representativa e orientadora do movimento Espírita Estadual pela D. E., por meio do Departamento de Organização e Propaganda.

Dentre outras medidas, tem sido solicitada a cooperação de pessoas em várias cidades do Estado para o trabalho de organização, onde os Conselhos Regionais ainda não constituíram suas Subcomissões de Organização e Propaganda.

Essa providência tem produzido bom resultado, como nos casos de São José do Rio Preto e outros.

DIVULGAÇÃO: — Por meio da publicação regular do "Unificação", o trabalho de divulgação doutrinária tem sido feito de maneira metódica, com o mais geral agrado.

O Conselho de Redação do órgão oficial da USE não tem medido esforços no sen-

podia ir a influência mental do consultante na resposta do médium. Almejava sobretudo descobrir se minha força magnética valia alguma coisa sobre a vontade dum menino de 16 anos, despreocupado e risinho, que conduzia a Corbelha como um brinquedo". Notam bem: Nosso prezado Professor, um dos maiores magnetizadores de Paris...

— Puro elogio! — aparteuo RIVAIL.

... acreditava na possibilidade de sua intervenção mental na resposta dos Espíritos. No entanto, contrariando a sua expectativa 'científica' — pois só os sábios afirmam que a 'Mesa Falante' reflete o pensamento dos evocadores de supostos Espíritos — a Corbelha da Menina risinho escreveu: — "Nem PARENTE nem AMIGO". RIVAIL admitiu por um instante que o Guia zombava dele. Não se dando por vencido, contornou habilmente o inquérito: — "Quem foi ele ou ela na Terra?" E a resposta: — "Um homem justo e sábio". Não se tratava pois do Espírito materno. Talvez fosse o Espírito paterno, que animou na Terra um 'homem justo e prudente'. Não ousou entretanto perguntar. Certa noite observou ele aqui, neste seu escritório, um capítulo de O LIVRO. Estava sózinho neste apartamento. Cuviu bater de leve nesse tabique. (O orador apontou a parede que separava o escritório do quarto de dormir). Parou de escrever para escutar melhor. Nada mais percebendo, prosseguiu na escrita. E ouviu novo toque-toque-toque mais nitido, mais humano, por trás de si. Um arripio perpassou-lhe o espíngalo. Levantou-se de vela à mão e examinou o tabique dos dois lados. Não achando a causa do ruído novo o percebendo mais, pensou em carochinha sob o papel da parede ou numa vibração natural da madeira. Voltou à escrivaninha. Mal reiniciou a escrita, eis de novo o toque-toque-toque. Para excluir qualquer hipótese outra que a 'espiritual', passou um bocadinho de tempo a examinar a parede e a escutar cuidadosamente. Notou porém que o sinal se reproduzia justo quando ele tentava escrever. Parcia um ato de vontade invisível para o atrapalhar. Nisto voltou à casa Madame RIVAIL. Cientificada da ocorrência, também ela, ao ouvir o toque-toque, rebuscou em vão a causa. Não vinha do quarto de dormir, nem do andar superior, nem do inferior, mas de dentro da tábuca, como se o dedo batedor estivesse metido no cerne da madeira. E soava somente quando o Professor retomava a escrita. A Senhora RIVAIL, cujo senso prático estamos acostumados a admirar, propôs ao marido e este aceitou suspender o trabalho literário e ir para a cama. Durante a vigília, pensando na relação do ruído com a escrita, RIVAIL 'percebeu de repente' haver partido dum premissa certa por um caminho errado e desta forma estar em marcha para uma conclusão que arruinaria a Doutrina. Pela manhã, antes de partir para o seu Colégio, amarratou as folhas escritas de vésperas, agradecendo a DEUS ter sido 'inspirado' em tempo. E reformou o capítulo. Estava convicto do golpe de inspiração mental. Mas duvidava dum liame entre este e o toque-toque-toque na parede. De noite, em casa do Senhor BAUDIN, contou o caso. O Guia da sessão anunciou-lhe que o ruído fôra 'determinado' por quem lhe 'enviara' a inspiração. Ambos — o golpe da inspiração e o golpe na parede — partiram do Gênio

tido de cumprir sua árdua tarefa, garantindo a edição normal do "Unificação" e sobretudo sustentando sua superior orientação.

2.º CONGRESSO DA MOCIDADE ESPÍRITA: — Através do Departamento de Mocidade, a USE está diligenciando no sentido de assegurar o êxito dessa reunião de jovens espíritas a realizar-se nesta Capital, nos últimos dias do mês de maio vindouro.

Além das reuniões preparatórias, várias Circulares têm sido expedidas nos últimos dias, transmitindo informações e orientação. Por meio de Comissões adequadas, outras providências têm sido tomadas com todo o empenho, tendo em conta garantir o sucesso dessa reunião da Mocidade Espírita integrada na USE.

4.º CONGRESSO ESTADUAL ESPÍRITA: — Várias providências estão sendo tomadas no sentido de se realizar o 4.º Congresso Espírita Estadual, patrocinado pela USE, nos primeiros dias de julho do corrente ano. Diligenciou-se no sentido de serem realizadas reuniões preparatórias no decorrer dos meses de maio e junho vindouros.

MOVIMENTO DE SECRETARIA: — Em virtude da ampliação de todas as atividades da USE, o movimento de Secretaria tem redobrado, dada a contingência de orientação e esclarecimento constante dos seus órgãos constitutivos, a feitura do expediente normal e daquele exigido pelas realizações em andamento.

TESOURARIA: — O movimento da Tesouraria tem atendido, normalmente, às necessidades do serviço, embora sentindo a necessidade de maior cooperação de confrades e sociedades espíritas de todo o Estado no sentido de se proporcionar à USE os recursos indispensáveis ao cumprimento de suas finalidades.

FUNIONAMENTO DOS ÓRGÃOS CONSTITUTIVOS: — De acordo com as cópias de atas e correspondência recebida pela Secretaria Geral, quase totalidade dos órgãos constitutivos da USE — que são as UMES e UDES, CRES e C.M.E., — estão funcionando regularmente, procurando executar as tarefas regimentalmente estabelecidas.

Os órgãos inativos ou enfraquecidos em algumas cidades e regiões do interior ou bairros da Capital estão motivando provi-

dências para a regularização de suas atividades unificadoras.

SEMANAS ESPÍRITAS: — Realizaram-se nos últimos dias duas excelentes "Semanas Espíritas", patrocinadas pelas UMES de São José dos Campos e Santos.

Esses empreendimentos têm servido para maior e melhor divulgação doutrinária, além do trabalho unificador que essas "Semanas" encerram.

Com apoio da UME de Cruzeiro realizou-se também a 7.ª Semana Espírita Cristã de Cruzeiro, levada a efeito por uma Comissão integrada por confrades locais.

CICLO DE CONFERÊNCIAS DOUTRINÁRIAS: — Sob o patrocínio da União Municipal Espírita de Caçapava, prossegue, naquela Cidade, a realização do Ciclo de Conferências, realizadas aos sábados, na sede de uma das sociedades espíritas locais, com a participação de oradores indicados pela Diretoria Executiva da USE ou especialmente convidados por aquela UME.

Esse trabalho tem motivado satisfatória divulgação doutrinária e intensificação de conhecimentos indispensáveis aos confrades daquela Cidade.

REUNIÕES: — A Diretoria Executiva tem-se reunido normalmente, a fim de tratar dos inúmeros problemas de sua competência.

Por outro lado, o Conselho Deliberativo Estadual vem-se reunindo regularmente, em caráter trimestral, na sede da USE, tratando de todos os assuntos de elevado interesse do movimento espírita estadual, com a participação ativa de todos os representantes regionais e metropolitanos.

A reunião do C. D. E. no mês de abril corrente terá feição especial, dela participando dirigentes de UMES e UDES, além dos Conselheiros Regionais e Metropolitanos, visto tratar-se da última reunião ordinária desse órgão superior da USE no atual período administrativo, e, tendo como primordial o 4.º Congresso Estadual Espírita a realizar-se em julho vindouro.

* * *

São essas em resumo as atividades da USE nos últimos dias, a qual procura cumprir suas finalidades estatutariamente estabelecidas, como organização destinada a promover a unificação orgânica e doutrinária do movimento espírita estadual.

Familiar de RIVAIL, que estava presente e desejava falar-lhe. Pela primeira vez ia o Professor "encontrar-se" tête-à-tête com seu Anjo Guardião, trocar idéias com ele, ajustar talvez um 'modus vivendi', em que o livre pensamento do homem não tumultuasse a inspiração do Anjo. Ia finalmente saber quem era seu Gênio Particular.

— Queira notar que esse primeiro encontro se deu em 25 de março do ano passado, aparteu RIVAIL.

— Obrigado pelo importante pormenor. Fax, conseqüentemente, pouco mais de um ano. Evocando então o seu Espírito Familiar, cuja personalidade ignorava, agradeceu-lhe a visita de véspera e pediu-lhe se identificasse, a fim de poder chamá-lo de futuro por um 'nome'. E o Espírito respondeu-lhe: — "Para Você eu me denominarei VERDADE".

— Assim foi realmente, interveio de novo RIVAIL. Eu não procurava outra coisa, nos meus estudos, senão 'A Verdade'. Nas minhas preces eu pedia a DEUS TODO-PODEROSO 'A Verdade'. Tanto pedi que ela 'se personificou' para mim. Perguntei ao Espírito se ele havia 'animado' alguém conhecido na Terra. E ele reiterou: — "Para Você sou 'A Verdade'. Esse 'para Você' implica 'discrissão'. Não queira saber mais".

— E não procurei saber mais.

— Ai está, Senhoras e Senhores, o que nos cumpre também: 'Não querer saber mais'. Contudo seja-me lícito dizer: Se 'Verdade' é um nome ou símbolo que no Cristianismo tanto pode caber a JESUS como ao Espírito SANTO, certamente caberá, na Religião do Futuro, ao Representante de DEUS que inspirou o LIVRO DOS ESPÍRITOS.

— Apoiado! — exclamou BAUDIN.

— Muito bem! — sustentou ROUSTAN.

— Devo esclarecer esse ponto, diz RIVAIL. A obra hoje publicada reflete a inspiração de vários Espíritos Superiores com os quais me relacionei através da mediunidade de Caroline, Julie e Ruth, como já lhes disse. Minha porém sendo a orientação dos temas e a pesquisa da verdade, é de se concluir haja a obra recebido no fundo e na forma a inspiração do Espírito que, segundo suas próprias palavras, "me assistiu em pensamento" e representa para mim 'A Verdade'. Entre nós, que conhecemos a precariedade humana, seria inútil, e mesmo falso, negar que fui inspirado nesse trabalho. Além do sinal tiptante, referido pelo amigo CARLÓTTI, sinal que me impediu de continuar escrevendo uma tese por mim mesmo pouco depois reconhecida errada, tive seguidas provas da intervenção mental e mediúncia de meu Guia na feitura de O LIVRO. Não houve mais manifestações do mesmo gênero tiptante, por inúteis. Recebi porém advertências intuitivas e instruções diretas, estas através da mediunidade das Senhoritas já nomeadas. Isto considerado, estou de pleno acordo também com CARLÓTTI: Se a Filosofia dos Espíritos contida em O LIVRO triunfar na Religião do Futuro, como todos esperamos, a glória do lançamento dos princípios fundamentais da Reforma deverá ser atribuída, em sua maior parte, ao Espírito VERDADE.

— Agradeço o aparte esclarecedor e coadjuvante, e retomo o fio da narrativa. Eu lhes estava contando a prosa entretida com RIVAIL após a sessão histórica em que A VERDADE, pelo médium Aline, confirmou a missão destinada a nosso amigo. Notem

bem: Até a data precisa de 25 de março de 1856 RIVAIL não conhecia seu Gênio Familiar. Refeito o capítulo criticado, ele perguntou ao Anjo se o achava melhor. Notem ainda: O Professor não leu o capítulo em sessão; referiu-se apenas ao escrito deixado em casa. A crítica não podia, portanto, ser do médium. E o Espírito lhe disse: — "Está melhor, mas peço lhe retarde a sua publicação até o próximo mês". A palavra 'publicação' surpreendeu RIVAIL. Até aquele momento não pensara em prelar o trabalho, destinado a seu uso didático. Pediu por isso explicação, que o Guia lhe deu: — "Quiz dizer: Não o mostre a ninguém antes de nosso encontro daqui a um mês. Até lá Você o pode melhorar. Estou zelando pelo seu amor próprio".

— CARLÓTTI está reproduzindo o episódio com extraordinária memória, afirmou RIVAIL. Contudo peço-lhe licença para alguns pormenores. No primeiro encontro com o Espírito VERDADE, em 25 de março do ano passado, o Guia prometeu ficar à minha disposição 'uma vez por mês'. Dai pedir-me não mostrasse o trabalho a ninguém antes de nosso próximo encontro. E foi um bom conselho, pois melhorei notavelmente o capítulo. Esse prazo porém não foi respeitado por mim. Abusando da condescendência do Espírito VERDADE, eu o evoquei quinze dias depois para ouvir-lhe sobre o trabalho criticado, e o chamei muitas vezes fora de época, em circunstâncias prementes. Nunca me faltou com seu auxílio.

— Detalhe magnífico. Meu intuito, nesse episódio, é mostrar-lhes, caros Amigos, que, em abril do ano passado, RIVAIL não cogitava de publicar a obra em elaboração. Estava longe, portanto, de imaginar-se o homem 'chamado' para estabelecer os fundamentos duma nova religião.

— Essa idéia não me podia ocorrer sem logo me tornar a mim mesmo indigno de ser 'chamado', sustentou RIVAIL.

— Ela de fato lhe veio de surpresa. Estava em casa de ROUSTAN numa roda íntima, ouvindo sobre os acontecimentos esperados no Mundo em conseqüência do 'Spiritualismo'. A Corbelha de Ruth entrou em ação e, escrevendo sobre os próximos eventos, disse: — "E haverá no Mundo uma Religião única, bela e digna de DEUS, dirigida pela 'A Verdade'". Os seus fundamentos já foram lançados". Escrito esse período, a Corbelha escapou dos dedos de Ruth e, sózinha, voltou o bico para o Professor, tal uma pessoa que o apontasse com o dedo, e escreveu: — "RIVAIL, tua missão é essa". Atorreado com a inesperada notícia, que se ligava com seu trabalho em elaboração, consultou no dia seguinte o Espírito de HANNEMANN. E o Luminar da Homeopatia, sem lhe confirmar nem infirmar a revelação de véspera, mandou-o consultasse os próprios pendores e aspirações e concluisse por si mesmo se teria sido 'mistificado'. Mas as duas mensagens lhe haviam vindo pelo mesmo médium e a mesma Corbelha. Era prudente pôr o caso a limpo, e foi para esse fim à minha casa. Diante de tais explicações, tranqüilizei-me. Conhecendo o caráter ímpetuoso e a capacidade intelectual de RIVAIL, admiti de pronto haver ele sido 'chamado' para lavar os alicerces da Religião do Futuro. E, desejoso de tomar parte em tão nobre empreendimento, fiquei desde esse dia mais ligado a RIVAIL. Passei a frequentá-lo amiúde, a interessar-me pelo seu trabalho, a acompanhá-lo às sessões dos Se-

nhores BAUDIN, JAPHET e ROUSTAN, a discutir com ele longamente e largamente as teses mais graves do 'Spiritualismo'. Tive pois ensejo de ir formando juízo gradativo a respeito da tarefa reformatriz que ele assumiu bravamente em minha casa. Achei-me pois habilitado, como testemunha presencial, a dizer-lhes, caros Amigos, com absoluta certeza de causa e sem ânimo bajulador, que Hippolyte Léon Denizart RIVAIL é de fato um 'missionário', a quem devemos inteiro apoio e ampla solidariedade. Saudamo-lo pois nessa qualidade.

(Palmas e aplausos).

* * *

RIVAIL VOLTOU A FALAR:

— Meus Amigos: Não nos deixemos arrastar facilmente pelo entusiasmo de nosso querido companheiro, Amigo meu de longa data. Sobre tudo em matéria de comunicações espíritas, sejamos sempre demasiado prudentes. Cumpre-nos observar muito e bem, e concluir pouco e bom. Estamos numa era científica que exige 'fatos' e 'provas' e dispensa 'argumentos' e 'imaginação'. Tudo quanto CARLÓTTI nos disse em sua amizade e interessante alocução é verdadeiro na farta narrativa, mas a conclusão, conquanto apoiada em palavras de Espíritos, é precipitada. Não veja meu caro Amigo CARLÓTTI na palavra 'precipitada' nenhum menoscabo a seu bom senso. Explico-me. Ninguém é 'missionário' por aceitar uma tarefa de utilidade geral. Qualquer homem pode, num determinado momento, estimulado pela vaidade ou ambição, aceitar encargos acima de suas forças e, em conseqüência, falir no empreendimento arrojado. Temos vários exemplos desses fracassos na História e, mesmo na Crônica do Espiritismo, que só agora emerge da fase de curiosidade para entrar na filosófica, há um bom número de casos de pessoas fascinadas, que se deixaram empolgar pela própria filúcia ou arrastar pela falta de exame cuidadoso e crítico das comunicações espíritas. O lastimável evento citado pelo nosso amigo CARLÓTTI, em que a vítima foi o saudoso e ilustre Victor HENNEQUIN — a cujo Espírito generoso, probo e humanitário ergo neste instante um voto cordial de paz — é a comprovação robusta e inofismável de minha assertiva. 'Missionário', ao rigor do termo, não é aquele que 'aceita' e 'começa' mas aquele que 'leva adiante' e 'termina bem' uma incumbência. Que fix até agora para ser declarado 'missionário'? Nada, ou muito pouco. Sem dúvida, 'aceitei' uma tarefa espinhosa. Sem dúvida ainda, redigi sob a inspiração de meu Guia e em face das mensagens de vários Espíritos Superiores O LIVRO hoje publicado. 'Aceitei' e 'comecei' apenas a tarefa. Segundo os próprios Espíritos que inspiraram e ditaram a obra, O LIVRO de hoje não é senão a 'primeira página' da Religião do Futuro. A reforma não se fará dum só jacto, será revelada aos poucos, à medida que o meio e o desenvolvimento da Idéia Nova o permitam, dentro de dez ou cem anos. Operar-se-á lentamente, lutando com adversidades poderosas, pisada aqui, adulterada acolá, esmagada num ponto, ressuscitada noutro, criticada por muitos, defendida por poucos, atirada dentro de seus próprios muros pelos fracassos ao serviço das Trevas. 'Missionário' não é

pois aquele que escreve a primeira página e poderá amanhã deixar de escrever as demais. Será aquele que, escolhido entre os adeptos da Reforma, conseguir dar corpo à Filosofia dos Espíritos, da qual O LIVRO é tão só a 'Introdução'. Será principalmente aquele que, durante o desenvolvimento progressivo da Reforma hoje lançada em embrião, se dedicar de alma e carne, de cérebro e mãos, à propaganda oral e escrita dos princípios básicos hoje entregues à opinião em mil e poucos volumes. Ninguém sabe ainda onde virá esse missionário, nem qual a sua nacionalidade, sexo ou idade. Pode estar aqui na França ou morar noutras plagas, ser de nossos Grupos ou doutros Centros espíritas, inspirar-se de nosso trabalho inicial ou doutros mananciais celestes, pois a Religião do Futuro será a 'resultante' duma Revelação Universal, sem privilégio para nenhuma casta ou raça ou país ou muito menos nenhum homem. Só depois de escrita a derradeira página da obra hoje estreada; só depois de implantada no Mundo a Nova Escola Filosófica a que O LIVRO vai dar nascimento; só depois de universalmente propagados com denodo e persistência os princípios básicos da Nova Doutrina Espírita, é que a Posteridade poderá justicieiamente dizer à História se houve na implantação do Espiritismo — alicerces da Reforma Religiosa ou base da Religião do Futuro — um missionário ou muitos apóstolos de boa vontade ao serviço da Providência. Creio sinceramente na hipótese da 'multiplicidade' dos missionários por mais plausível diante da imensidão do empreendimento. Portanto, prezados Amigos, não nos deixemos iludir com simples palavras, ainda que venham dos Espíritos. Não nos deixemos empolgar com o incenso da amizade, ainda que acesse por um coração nobre como o de CARLÓTTI. Ele quis apenas transformar um brinde de bom Amigo num hosana à Causa que abraçamos. Sou-lhe gratíssimo por isso. Ele me permitirá no entanto dizer que seu julgamento me parece, pelas razões expostas, absolutamente gratuito. Mesmo tendo-se em vista a comunicação dada em sua casa, por intermédio da Senhorita Aline, é extremamente qualquer juízo a meu respeito. Nada do que foi previsto pelo Espírito VERDADE na mensagem referida pelo Amigo CARLÓTTI aconteceu ainda. Tudo está por advir. Recebo pois as suas palavras generosas, não como sanção de fatos consumados, mas como estímulo a meu trabalho, à minha grande aspiração de servir. Recobras como avanço dum apoio moral que reputo valioso por sincero e leal. E aproveito suas palavras amáveis para endereçá-las aos Espíritos que nos ajudaram na planificação de O LIVRO. E valho-me do ensejo delas para lembrar aos caros Amigos, a CARLÓTTI principalmente, que somos todos solidariamente missionários na tarefa de transmitir, custe o que custar, e por todo o Mundo, a Filosofia Espírita cuja primeira página nos foi confiada. De minha parte, queiram Vocês contar irremediavelmente comigo: Estarei sempre na linha de frente enquanto DEUS me der forças. Espero da parte de Vocês a cooperação que lhes fôr possível, não na retaguarda nem nas galerias, mas a meu lado, ombro a ombro, na mesma linha de responsabilidade, em plena arena de luta em prol de A VERDADE.

(Aplausos de solidariedade).

(Continua)

Colônia Espiritual "NOSSO LAR"

(Continuação)

MINISTÉRIO DA ELEVAÇÃO

Nesse Ministério existe o CAMPO DA MÚSICA, que é um extenso parque de fontes luminosas, das quais jorram belezas de verdadeira encanto. Fazem-se ouvir expressões melódicas de incomparável sublimidade celeste.

André Luis conta que, depois de ter atravessado, em companhia de Lísias, alamedas rídeiras e deleitosas, onde cada flor parecia ser dona de um reinado próprio, começou a ouvir maviosa harmonia que dominava o célico espaço. Na Terra — acrescenta ele — há grupos restritos de interessados para o culto da música fina e multidões para o da regional. Lá verificava-se o contrário, porque só as músicas celígenas acorriam aquelas almas boas. O CAMPO estava sobrelotado delas.

Paletava-se animadamente acerca do amor, da cultura intelectual, da pesquisa científica e da filosofia edificante. O sentimento de cordialidade era inato.

MINISTÉRIO DA UNIAO DIVINA

É o mais elevado MINISTÉRIO da COLÔNIA e está em contacto direto com as Esferas da mais alta espiritualidade. André Luis não anda por ele, limitando-se apenas a fazer considerações de ordem exclusivamente superior.

Para os nossos olhos de mortais sem eira nem beira, presos apalermadamente ao vaso físico, a COLÔNIA é um mundo maravilhoso, tal como o dessas cidades dos contos das mil e uma noites. Queremos mais provas? Vamo-nos a elas, que ainda há muito de que nos embasbacarmos!

TRANSPORTE

A COLÔNIA não dispensa a condução aérea, normalmente realizada por meio de AERÓBUS, carros aéreos que, aqui na Terra, teriam a forma de um grande funicular. A sua construção é de material assaz flexível. São de comprimento enorme e funcionam graças a numerosas antenas existentes na tolda, ligadas a fios invisíveis.

Ficam suspensos do solo a uma altura de cinco metros mais ou menos.

A exemplo dos nossos trólebus paulistanos, erroneamente chamados tróleibus, e para os quais o povo prefere a denominação de *carros elétricos*, os AERÓBUS da COLÔNIA têm o seu SERVIÇO DE TRÁNSITO E TRANSPORTE munido, para qualquer emergência mecânica, de oficinas vastas e completas.

BÔNUS-HORA

O serviço prestado tem a sua remuneração, embora diferente da nossa. Nós percebemos um salário, que pode ter modalidade vária de pagamento. Os cidadãos da COLÔNIA recebem o BÔNUS-HORA, que equivale a um ponto relativo a cada hora de trabalho. Não se converte em dinheiro, praga desconhecida por aquelas plagas. Esse BÔNUS-HORA é uma ficha de serviço individual, que funciona como valor meramente aquisitivo.

Todos trabalham para o engrandecimento do patrimônio colonial. Porém aqueles que não medem esforços para conseguir o BÔNUS-HORA têm certas prerrogativas na usufruição patrimonial. Por exemplo: o Espírito que ainda não prestou nenhum trabalho, será, não há que duvidar, abrigado e tratado convenientemente. O indolente se vestirá, mas o operário diligente se vestirá daquilo que melhor lhe parecer. Os negligentes poderão permanecer nos campos de repouso ou nos parques de tratamento, ajudados pela amizade intercessória de Amigos; entretanto, os diligentes fazem jus ao BÔNUS-HORA e podem usufruir da satisfação da companhia de entes queridos, nos locais consagrados a essas entretenhas, ou o contacto nas escolas do MINISTÉRIO em geral, com os nobres orientadores. Cada um deles deve dar, no mínimo, oito horas de serviço útil por dia. Porém como os trabalhos são sempre copiosos, a Governadoria concede um esforço extraordinário de mais quatro horas. Dessa maneira muitos cooperários há que conseguem setenta e dois BÔNUS-HORAS por semana, sem computar já os serviços sacrificiais, cuja remuneração é válida em duplo e às vezes até em triplo.

João TEIXEIRA DE PAULA

Assim se expressa o nosso cicerone a respeito:

— "O verdadeiro ganho da criatura é de natureza espiritual e o BÔNUS-HORA, em nossa organização, modifica-se em valor substancial, segundo a natureza dos nossos serviços. No MINISTÉRIO DA REGENERAÇÃO, temos o BÔNUS-HORA-REGENERAÇÃO; no MINISTÉRIO DO ESCLARECIMENTO, temos o BÔNUS-HORA-ESCLARECIMENTO, e assim por diante. Ora, examinando o provento espiritual, é razoável que a documentação de trabalho revele a essência do serviço. As aquisições fundamentais constituem-se de experiências: educação, enriquecimento de bônus divinos, extensão de possibilidades. Nesse prima, os fatores assiduidade e dedicação representam, aqui, quase tudo. Em geral, em nossa cidade de transição, a maioria prepara-se com vistas à necessidade de regresso aos círculos carnis. Examinando esse princípio, é natural que o homem que empregou cinco mil horas, em serviços regeneradores, tenha efetuado esforço sublime, a benefício de si mesmo; o que dependeu seis mil horas de atividade, no MINISTÉRIO DO ESCLARECIMENTO, estará mais sábio. Poderemos gastar os BÔNUS-HORAS conquistados; entretanto, é mais valioso ainda o registro individual da contagem de tempo de serviço útil, que nos confere direito a preciosos títulos".

Esse é o padrão de remuneração da COLÔNIA.

ALIMENTAÇÃO

A alimentação da COLÔNIA é muito mais agradável do que a nossa, di-lo André Luis. Nenhum MINISTÉRIO a dispensa por inteiro. Difere ela apenas na feição substancial. Os Espíritos das zonas dos MINISTÉRIOS DO AUXÍLIO e da REGENERAÇÃO alimentam-se de concentrados fluidicos, em consequência dos misteres pesados que lhes são impostos pelas circunstâncias; nos MINISTÉRIOS DA COMUNICAÇÃO e do ESCLARECIMENTO, alimentam-se de frutos; no MINISTÉRIO DA ELEVAÇÃO, de sucos e concentrados; e no MINISTÉRIO DA UNIAO DIVINA os fenômenos de alimentação vão até ao inimaginável.

Cada habitante da COLÔNIA recebe o estritamente necessário para as suas provisões de pão e roupa.

VESTUÁRIO

Os Espíritos têm o seu vestuário, constituido naturalmente de matéria muito sutil. Esta afirmativa não deve causar nenhuma surpresa; o assunto já foi muito bem estudado por Allan Kardec e pelos melhores psiquistas de além-mar.

BOSQUE DAS AGUAS

É um dos mais encantadores recantos da COLÔNIA. Vão ter ali as almas enamoradas, as quais tecem juras de amor e fidelidade perene para as novas experiências na Terra.

André Luis ficou deslumbrado com o panorama de belezas admiráveis. Aquela boscaagem, em sublime floração multicolor, embalsamava a aragem com perfume extasiante. Árvores frondosas, plantadas regularmente, ofereciam, nas claridades do Sol vitalizador, sombras convidativas e reconfortantes. Havia bancos, talhados com esmero, colocados aqui e acolá, convidando a repouso e meditação.

Estradas largas e limpas cortavam a exuberante verdura boscareja.

RIO AZUL

É o reservatório da COLÔNIA. O seu volume é absorvido em imensas caixas de distribuição, que está afeta aos Ministros da UNIAO DIVINA, uma vez que os mesmos são detentores de um maior padrão de espiritualidade, e aos quais cabe a magnetização das águas, que devem servir aos moradores da COLÔNIA a pureza precisa.

As águas, que servem as atividades coloniais, saem do BOSQUE. Depois, ajustam-se novamente, abaixo dos serviços de

REGENERAÇÃO, e voltam a formar o RIO AZUL, que continua o seu curso normal, rumo ao grande oceano de substâncias que não são visíveis à Terra.

Desliza tranquilamente por entre ribas de gramas matizadas de azulinas flores, muito cristalino, em consequência dos reflexos do firmamento.

A água do RIO tem densidade um tanto diferente da nossa, porquanto é quase fluidica.

MORADIA

Cumpra consignar a existência de MORADIA, que é um núcleo de trabalhadores, muito achedado às zonas inferiores da COLÔNIA. Possui postos de alerta, com emissoras radiotelevisoras apropriadas. André Luis viu e ouviu o locutor da EMISORA DO POSTO DOIS, irradiando, por ocasião da última Grande Guerra e em bom português vernáculo, um apelo em benefício da paz na Terra.

CAMPO DA PAZ

Está situado entre a CROSTA e a COLÔNIA. Socorre, com alimentos e remédios, os desencarnados enfermos, que, via de regra, são mais desequilibrados do que perversos. Esse CAMPO DA PAZ conta com INSTITUTOS MAGNÉTICOS, que prestam auxílio e esclarecimentos. É um centro de enfermagem que está sempre na vanguarda do socorro urgente. Compõe-se de POSTOS DE SOCORRO de dez em dez quilômetros, os quais funcionam à moda de instituições de assistência fraternal e sentinelas vigilantes.

A título de curiosidade, informamos que VENERANDA, uma das Ministras do MINISTÉRIO DA REGENERAÇÃO, é a única que, com exceção do Governador, viu JESUS nas ESFERAS RESPLANDESCENTES.

Mas nem tudo por aquelas paragens de NOSSO LAR são maviosidades, embora tudo se resume em deveres de exemplificação cristã.

Atentemos ligeiramente.

UMBRAL

Há por lá o UMBRAL, a que aliás os esoteristas, já de data imemore, fazem menção. Começa na CROSTA TERRESTRE e é a zona escura daqueles que não tiveram ânimo para atravessar as portas dos deveres sagrados, a fim de levá-los a bom termo, permanecendo no vale da indecisão ou no charco dos erros numerosos.

O UMBRAL é, pois, no dizer de André Luis, uma espécie de zona purgatorial onde queimamos a prestação o material deteriorado das ilusões que nós, menosprezando a bênção de uma existência terrena, adquirimos por atacado.

No UMBRAL perambulam infandas legiões de almas indecisas e ignorantes, que não são bastante perversas para serem encaminhadas a colônias de reparação mais dolorosa nem bastante nobres para serem levadas a planos de elevação. São os companheiros imediatos dos encarnados, separados de nós apenas por leis vibratórias.

TREVAS

As TREVAS são uma "atra vastidão povoada de habitantes estranhos". São as mais inferiores regiões que se conhecem, onde os séres, que caminham às escuras, costumam rolar, por tempo indeterminado, pelos abismos insondáveis e pelas cavernas de fauces famintas, no limiar de uma das quais André Luis foi encontrar um dos seus avós!

Para darmos uma idéia do que elas possam ser, transcrevemos alguns períodos do nosso prestativo culacharim:

— "Laceravam-me o coração as vozes lamentosas dispersas a se evolverem para o céu de fumo! Não, não eram lamentações apenas; já proporção que nos adiantávamos, descendo, modificava-se a gritaria; ouvíamos também gargalhadas, imprecações.

Estacamos em enorme planície pantanosa, onde numerosos grupos de entidades humanas desencarnadas se perdiam de vista, em assombrosa desordem, à maneira de milhares de loucos, separados uns dos ou-

UNIFICAÇÃO

órgão da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo — USE

Direção: DEPARTAMENTO DE PUBLICIDADE

CONSELHO DE REDAÇÃO:
J. Herulano Pires
Luiza Pessanha Camargo Branco
Luiz Monteiro de Barros
João Teixeira de Paula
Abrasão Sarraf

Redação: Rua S. Amaro, 362 - Cx. P. 3.946
Telefone: 37-8637 — São Paulo

Assinatura anual Cr\$ 20,00
Número avulso Cr\$ 2,00
PARA AS SOCIEDADES ESPÍRITAS:
Desconto de 25% para 20 exemplares ou mais.

NOTICIÁRIO — Todos os órfãos da Use e entidades adesas devem enviar noticiário de suas atividades de maneira sempre resumida, bem informativa, sem comentários.

COLABORAÇÃO — Todos os confrades podem colaborar. Os trabalhos devem ser datilografados em dois espaços, numa só face do papel e não ultrapassar duas folhas do tamanho de ofício.

Impresso na LINOGRAFICA EDITORA
Rua Almirante Barroso, 478 — S. Paulo

tros, ou aos magotes, segundo a espécie de desequilíbrio que lhes era peculiar.

Não me era possível calcular a extensão da várzea imensa, e ainda que houvesse marcos topográficos, para tal apreciação, o nevoeiro era demasiado denso para que se pudessem computar distâncias".

* * *

Este é o resumo que oferecemos à guiloseima espiritual dos Confrades. Está imperfeitíssimo, se não estiver por certo eivado de observações inadequadas. Mas é o que podemos oferecer. Paciência e contemo-nos com ele.

André Luis é o escritor, tanto entre os encarnados como os desencarnados, mais lido e procurado nos arcaivos espíriticos do Brasil. A última edição de NOSSO LAR saiu em novembro de 1953 e já está esgotada. Humberto de Campos, com as suas apreciadas reportagens jornalísticas de além-túmulo; Emanuel, esse Espírito tão equilibrado e cheio de bom senso; ambos eles, apesar das obras insubstituíveis que nos têm apresentado, não arrebanharam a leitorama que André Luis arrebanhou às primeiras páginas do seu primeiro livro.

Mas não há o que estranhar, Humberto de Campos e Emanuel instruem, educam e esclarecem, cada um à sua maneira especial de ver e sentir; mas André Luis, com a exposição do que se passa em outros planos de vida e com o relato do que vai neste mundo em que vivemos, não só instrui, educa e esclarece, mas patenteia aos nossos olhos o que é a labuta nesse ou naquele setor de aprendizagem e o que nos espera sem apelação quando soar a nossa hora de partida.

Eis a relação de suas obras:

- I — Nosso Lar
- II — Os Mensageiros
- III — Missionários da Luz
- IV — Obreiros da Vida Eterna
- V — No Mundo Maior
- VI — Agenda Cristã
- VII — Libertação

“O Livro dos Espíritos e sua Tradição Histórica e Lendária”

Brevemente sairá a 1.ª edição do livro acima titulado.

A USE está recebendo os pedidos de reserva, os quais terão autógrafos do autor.